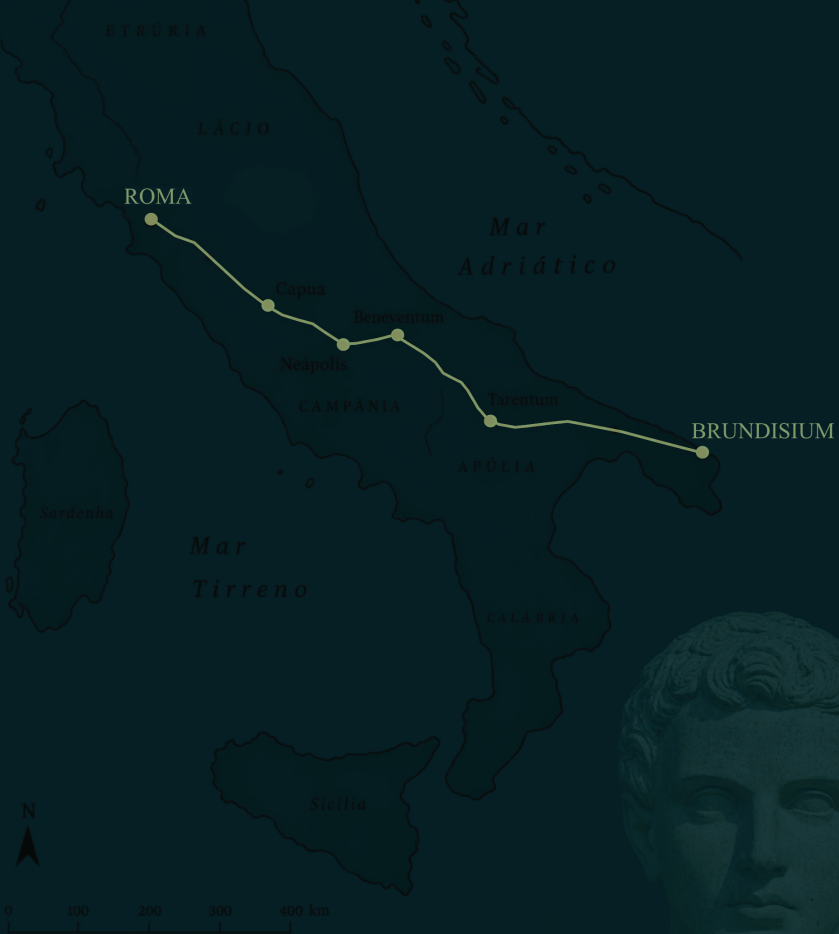
Angela Heloiza Benedito Buxton



ITER BRUNDISIUM

Um comentário sobre a sátira I. 5: "*Viagem a Brundísio*", de Horácio

EDITORA Unimontes

ITER BRUNDISIUM

Um comentário sobre a sátira I. 5:
"Viagem a Brundísio", de Horácio

Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

Wagner de Paulo Santiago
Reitor

Dalton Caldeira Rocha
Vice-Reitor

Ivana Ferrante Rebello
Pró-Reitora de Ensino

Marlon Cristian Toledo Pereira
Pró-Reitor de Pós-Graduação

Maria das Dores Magalhães Veloso
Pró-Reitora de Pesquisa

Cláudia Luciana Tolentino Santos
Pró-Reitora de Planejamento, Gestão e Finanças

Rogério Othon Teixeira Alves
Pró-Reitor de Extensão

©Editora Unimontes

Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro
Editora Chefe

Conselho Editorial
Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
Ivana Ferrante Rebello
Leandro Luciano Silva Ravnjak
Luiz Henrique Carvalho Penido
Patrícia Takaki Neves
Tânia Marta Maia Fialho
Vanessa de Andrade Royo

ITER BRUNDISIUM

Um comentário sobre a sátira I. 5: "Viagem a Brundísio", de Horácio

Angela Heloiza Benedito Buxton

EDITORA Unimontes

Lucas Carvalho Rôla Santos
Capa e ilustrações

Jésus Ricardo F. Almeida
Projeto gráfico e diagramação

Ana Márcia Ruas de Aquino
Revisão linguística

Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro
Editora Geral

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

B991i Buxton, Angela Heloiza Benedito.
Iter Brundisium [livro eletrônico] : um comentário sobre a sátira I. 5: "Viagem a Brundísio", de Horácio / Angela Heloiza Benedito Buxton. - Montes Claros, MG : Editora Unimontes, 2026.
83 p. il. ; E-Book (PDF).

Bibliografia.
Modo de acesso: world wide web
http://www.editora.unimontes.br/index.php/ebook

ISBN: 978-85-7739-850-8. E-book (PDF)

1. Literatura Latina – Horácio. 2. História. 3. Arqueologia. 4. Roma. 5. Via Àpia. 6. Brundísio. I. Buxton, Angela Heloiza Benedito. II. Título. III. Título: Um comentário sobre a sátira I. 5: "Viagem a Brundísio", de Horácio.

CDD 877

Elaborado por: Roseli Damaso – Bibliotecária - CRB-6/1892

O conteúdo desta obra, quando não houver indicação específica em contrário, é disponibilizado sob a Licença Creative Commons 4.0 Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações. Os direitos desta edição pertencem à Editora Unimontes.

©Editora Unimontes

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro
Montes Claros - Minas Gerais - Brasil, CEP 39401-089 - Caixa Postal 126.
www.editora.unimontes.br | editora@unimontes.br

Sumário

Prefácio 7
Introdução 20
Comentário 25
Referências 82

Prefácio

Uma viagem entre literatura, história e memória

Há conhecimentos que exigem tempo...

Há livros que chegam às nossas mãos como objetos acabados e há outros que, antes mesmo de serem lidos, convocam-nos para uma experiência. *Iter Brundisium – Um comentário sobre a sátira I.5: "Viagem a Brundísio", de Horácio*, de Angela Heloiza Benedito-Buxton, pertence, sem dúvida, à segunda categoria. Este é um livro que convida o leitor a viajar: viajar pela literatura latina, pelas estradas da antiga Itália, pela história de Roma, pela arqueologia de cidades que sobreviveram ao tempo e, sobretudo, pela inteligência de um texto poético cuja aparente simplicidade esconde uma extraordinária complexidade histórica, cultural e literária.

Escrevo este prefácio em uma circunstância que acrescenta à leitura acadêmica uma dimensão particular. Angela é, para mim, uma amiga querida e uma interlocutora intelectual que aprendi a admirar ao longo dos anos. Quando cheguei à Universidade Estadual de Montes Claros, em 2018, ela foi minha primeira parceira de trabalho. Essa circunstância, que poderia parecer apenas uma lembrança pessoal, ganha, para mim, um significado especial diante deste livro: acompanhar agora a publicação de uma investigação tão rigorosa é também testemunhar a maturação de

uma pesquisadora cuja seriedade intelectual, curiosidade científica e compromisso com o conhecimento sempre me impressionaram.

A amizade, entretanto, não substitui a leitura crítica. Ao contrário: ela a torna mais exigente. Por isso, o que apresento aqui não é apenas uma homenagem afetiva à autora, mas o reconhecimento acadêmico de uma obra que considero particularmente relevante para os Estudos Clássicos e que, ao mesmo tempo, abre possibilidades de interlocução fecundas com os Estudos Literários, a História, a Arqueologia, a Filologia, os estudos da cultura e outras áreas das Humanidades.

O primeiro mérito deste livro está em perceber que um texto literário da Antiguidade não pode ser lido adequadamente quando isolado das condições históricas, culturais, geográficas e materiais que lhe conferem sentido. Horácio narra uma viagem. Mas não escreve um diário de viagem. Como observa a autora, o relato é "encantador, porém conciso e, algumas vezes, impreciso" e, ao descrever "as paradas, as aventuras e as frustrações da jornada", o poeta realiza também alusões aos costumes romanos, à geografia, às paisagens e às circunstâncias políticas que envolvem o deslocamento. Essa observação aparentemente simples contém uma questão metodológica fundamental: como interpretar literariamente aquilo que o texto não explica?

É precisamente nesse intervalo entre o que o poema diz e aquilo que precisamos conhecer para compreendê-lo que o trabalho de Angela se estabelece. Seu comentário não pretende substituir o texto horaciano por uma enciclopédia da Roma antiga; procura, antes, restituir ao texto as camadas de conhecimento necessárias para que o leitor

contemporâneo possa perceber aquilo que o leitor antigo provavelmente reconheceria com muito maior facilidade.

Essa perspectiva é particularmente importante para os Estudos Literários. Todo texto literário constrói relações com saberes que não estão necessariamente explicitados em sua superfície. O leitor moderno de uma obra antiga encontra, portanto, uma dupla distância: a distância temporal e a distância cultural. O comentário funciona como uma ponte entre essas duas margens.

Talvez nenhuma passagem sintetize melhor a natureza deste livro do que o último verso analisado pela autora: *Brundisium longae finis chartaeque viaeque est.* "Brundísio está no fim de uma longa jornada e escrita." A isso, Angela acrescenta, com a precisão bem-humorada que caracteriza sua leitura: "Muito, muito longa, de fato". Esse comentário merece ser levado além de sua dimensão humorística, há, nesse verso, uma espécie de poética do próprio estudo do livro, fruto de anos de investigação da estudiosa. A viagem termina, mas a escrita permanece. O deslocamento físico de Horácio converte-se em deslocamento textual; o caminho percorrido pelas estradas romanas transforma-se em caminho percorrido pelo poema; e o poema, por sua vez, transforma-se em objeto de uma nova viagem interpretativa.

A autora refaz esse percurso dois milênios depois. E é justamente aí que reside uma das grandes forças do trabalho: a pesquisa não apenas comenta a viagem de Horácio; ela recria as condições de possibilidade dessa viagem para o leitor contemporâneo. O resultado é uma espécie de arqueologia da leitura. Cada nome de lugar, cada estrada, cada pousada, cada dificuldade de percurso, cada referência aos costumes e às instituições romanas torna-se uma porta de entrada para a compreensão do poema.

Um dos aspectos que mais me interessaram nesta pesquisa, particularmente como professor e pesquisador de Literatura, é a maneira como o livro evidencia que o espaço literário nunca é apenas cenário. Roma, Arícia, Forum Appii, Terracina, Fundi, Formia, Sinuessa, Cápua, Benevento, Canúsio, Rubi, Bari, Egnatia e, finalmente, Brundísio não constituem simplesmente uma sequência de nomes geográficos, cada lugar é transformado pelo olhar de Horácio e, posteriormente, pela investigação da autora.

Quando Horácio caracteriza Forum Appii como um lugar "lotado de barqueiros e estalajadeiros malévolos", ou quando Canúsio se distingue pelo "pão pedregoso", o espaço passa a funcionar como elemento constitutivo da própria construção satírica. Essa percepção aproxima este trabalho de uma questão central dos Estudos Literários contemporâneos: a relação entre literatura e espacialidade.

O espaço não é apenas onde a narrativa acontece. Ele participa da produção de sentido. Ele organiza deslocamentos, produz contrastes, cria expectativas, condiciona experiências e, no caso da sátira horaciana, fornece matéria para a ironia. Roma é *magna*; Arícia possui uma "modesta pousada"; Forum Appii é marcado por seus barqueiros e estalajadeiros; Fundi por seu funcionário presunçoso; Canúsio pelo pão áspero; Egnatia pela superstição. O poeta, portanto, não simplesmente atravessa lugares: ele os literariza.

E o que Angela faz é igualmente significativo: ela relê essa literarização confrontando-a com a história, a geografia, a arqueologia e a documentação antiga. Temos, assim, dois movimentos complementares: Horácio transforma a paisagem em literatura; Angela transforma a literatura em objeto de investigação interdisciplinar. É justamente nesse ponto

que considero que esta obra ultrapassa os limites estritos de um comentário sobre Horácio.

Para os Estudos Literários, a filologia constitui uma possibilidade de retorno à materialidade histórica do texto. Não se trata de um retorno nostálgico a uma concepção positivista da literatura, mas da compreensão de que determinadas obras exigem conhecimentos linguísticos, históricos, culturais e intertextuais sem os quais sua complexidade fica reduzida.

O livro oferece um exemplo expressivo dessa perspectiva ao apresentar sistematicamente os versos de Horácio no original latino, acompanhados de sua tradução, seguida da numeração correspondente. Essa escolha é metodologicamente importante. O leitor não recebe apenas uma interpretação mediada: pode observar o texto latino e confrontá-lo com a tradução proposta pela autora. Aqui está uma das contribuições mais relevantes da obra para os estudos da linguagem: traduzir é também interpretar.

Cada decisão tradutória produz uma leitura. Cada escolha lexical pode preservar, deslocar ou tornar mais evidente uma determinada dimensão semântica do original. Nesse sentido, a tradução não aparece como atividade auxiliar, mas como parte constitutiva da investigação. Para um pesquisador de literatura, essa dimensão é particularmente preciosa. O estudo da tradução permite observar como um texto antigo é reinscrito em outra língua, em outra cultura e em outro horizonte de expectativas.

O livro também recupera uma característica essencial da *sátira*: sua relação com a crítica social e moral, articulada pela ironia e pelo escárnio. Essa observação nos conduz a um problema literário de grande alcance. A sátira

não descreve simplesmente o mundo; ela o rebaixa, distorce, exagera, desloca e revela.

O cotidiano da viagem, que acompanha questões como fome, sede, água ruim, hospedagens precárias, chuva, estradas difíceis, funcionários públicos ridículos, pão de má qualidade, transforma-se em matéria literária. A grandeza da política romana permanece, em grande medida, fora do centro do relato. Embora a viagem esteja relacionada a uma missão diplomática envolvendo Otaviano e Marco Antônio, Horácio dedica à missão apenas dois versos. Essa desproporção é reveladora.

A história política poderia constituir o acontecimento central. Horácio, entretanto, desloca a atenção para o cotidiano. O grande evento histórico é rebaixado ao fundo, enquanto o banal, o corporal e o ridículo ocupam o primeiro plano. E talvez esteja aí uma das grandes atualidades da sátira: a capacidade de questionar aquilo que uma determinada cultura considera digno de registro histórico. A política passa ao segundo plano; o viajante cansado, a hospedaria ruim, a água insalubre, a comida inadequada e o funcionário provinciano ganham centralidade. A literatura, assim, produz uma outra escala de importância.

Outro mérito notável do trabalho é a amplitude das fontes mobilizadas. A bibliografia reúne estudos de história, arqueologia, geografia, literatura, filologia, cultura material e documentação antiga, incluindo autores como Estrabão, Tito Lívio, Tácito, Cícero, Virgílio, Plínio e Vitrúvio, além de pesquisadores modernos dedicados à Roma antiga, às estradas romanas, às cidades e aos sítios arqueológicos. Essa multiplicidade não produz dispersão. Ao contrário, permite que o comentário funcione como uma espécie de mosaico interpretativo.

Veja-se, por exemplo, a discussão sobre a Via Ápia. O livro não se limita a informar que Horácio percorreu essa estrada. Reconstrói sua extensão, sua pavimentação, sua função como via de comunicação com a Grécia e o Oriente e suas relações com as demais rotas da península italiana. O mesmo ocorre com os meios de transporte. A autora investiga carruagens, liteiras, mulas e diferentes tipos de veículos romanos para discutir aquilo que o próprio Horácio apenas deixa sugerido. É justamente nesse tipo de investigação que percebemos a importância de uma abordagem interdisciplinar das Humanidades.

Uma palavra de Horácio pode conduzir à história da tecnologia. Um topônimo pode levar à arqueologia. Uma referência a uma hospedaria pode conduzir à história social. Uma imagem poética pode exigir conhecimentos de geografia física. Uma passagem aparentemente cômica pode revelar estruturas sociais, religiosas e políticas. O texto literário torna-se, desse modo, um verdadeiro arquivo cultural.

Há algo de profundamente literário no modo como Angela trabalha: sua atenção ao detalhe. Ela investiga aquilo que poderia passar despercebido. Quando Horácio fala da "quarta hora", por exemplo, o comentário conduz o leitor à maneira como os romanos concebiam a divisão do dia, mostrando que as horas não correspondiam simplesmente às nossas horas equinociais, mas variavam conforme a duração do período entre o nascer e o pôr do sol.

Quando o poeta menciona o *pomerium*, a pesquisa recupera seu sentido religioso, urbanístico e político. Quando aparece uma referência à hospitalidade, o livro recupera a dimensão social e religiosa dessa prática no mundo romano, inclusive sua relação com *Jupiter Hospitalis*. Esse procedimento é mais importante do que pode parecer.

A literatura frequentemente depende do conhecimento partilhado. O autor não explica aquilo que seus contemporâneos já sabem. Cabe ao leitor posterior reconstruir esses saberes. É por isso que o comentário de Angela funciona como uma espécie de arqueologia da inteligibilidade. Ele procura recuperar não somente o que o texto diz, mas aquilo que o texto pressupõe.

Outro aspecto particularmente interessante da pesquisa está na atenção aos silêncios de Horácio. A autora observa que, embora a missão diplomática seja a razão oficial da viagem, ela praticamente desaparece do relato. Da mesma forma, a descrição das cidades é frequentemente lacônica, concentrando-se em um detalhe específico. Esse procedimento pode ser lido como uma estratégia poética.

Horácio não pretende oferecer um *itinerarium* objetivo. Ele escreve uma sátira. Como lembra a autora ao final da obra, "ele está escrevendo uma sátira, não um guia ou um diário de bordo". Essa frase deveria ser tomada como uma das chaves de leitura de todo o livro. Ela nos lembra que a reconstrução histórica precisa dialogar permanentemente com a natureza literária do objeto.

O trabalho de Angela é bem-sucedido justamente porque não pretende transformar Horácio em historiador. Ao contrário, quanto mais a investigação reconstrói o mundo romano, mais ela nos permite perceber a liberdade poética do escritor. É aqui que gostaria de estabelecer, de maneira mais explícita, a relação entre esta obra e minha própria área de formação e pesquisa.

Como pesquisador de Literatura Portuguesa, leio este livro também como uma contribuição para além dos Estudos Clássicos. A literatura portuguesa, como qualquer tradição literária ocidental, está profundamente atravessada pela tradição

greco-romana. Horácio integra uma longa cadeia de transmissão de formas, temas, gêneros, imagens, procedimentos retóricos e concepções de poesia que alcança a literatura medieval, renascentista, clássica, moderna e contemporânea. Estudar cuidadosamente a sátira horaciana significa, portanto, oferecer instrumentos para compreender uma das matrizes da tradição literária ocidental.

A própria noção de sátira, o diálogo entre poesia e crítica social, a ironia como procedimento discursivo, a construção literária do espaço, a representação do cotidiano, a viagem como forma narrativa e a tensão entre experiência individual e acontecimento histórico são problemas que atravessam séculos de produção literária.

Nesse sentido, a leitura de Angela pode interessar não apenas ao classicista que deseja compreender Horácio, mas também ao pesquisador que investiga a permanência, a transformação e a reescritura dos modelos clássicos em outras literaturas. Para os Estudos de Literatura Portuguesa, essa contribuição pode ser particularmente fecunda quando pensamos nas relações entre tradição clássica e modernidade, nos processos de apropriação dos gêneros antigos e nas diferentes formas pelas quais escritores portugueses reelaboraram a herança latina. A investigação dos clássicos, portanto, não é uma viagem ao passado sem retorno. É uma maneira de compreender melhor o presente da literatura.

Também os pesquisadores dos Estudos Clássicos encontrarão aqui uma contribuição importante, sobretudo pela combinação entre texto latino, tradução, comentário e reconstrução histórico-geográfica. Os historiadores poderão encontrar no livro uma representação concreta da circulação de pessoas pelas redes viárias romanas. Os arqueólogos encontrarão um diálogo produtivo entre literatura e cultura material.

Os pesquisadores da História Antiga poderão observar como a experiência cotidiana ilumina aspectos que a narrativa política tradicional frequentemente deixa em segundo plano. Os estudiosos da religião antiga poderão interessar-se pelas referências aos cultos, aos santuários, às práticas de hospitalidade e às divindades evocadas ao longo do percurso. Os pesquisadores da cultura e da sociedade poderão explorar as referências às relações entre escravizados e libertos, magistrados, viajantes, comerciantes, estalajadeiros e membros das elites. E os estudiosos da linguagem poderão observar o permanente diálogo entre o latim de Horácio e as escolhas tradutórias realizadas pela autora. Essa é, talvez, uma das maiores virtudes desta publicação: ela não fecha o texto em uma única disciplina; ela o abre para diferentes formas de conhecimento.

Há uma metáfora inevitável neste livro: a viagem como método. Horácio percorre aproximadamente 560 quilômetros entre Roma e Brundísio, em cerca de quinze dias, segundo as fontes discutidas pela autora. Angela percorre mais de dois mil anos para reencontrar esse trajeto. E o leitor é convidado a acompanhá-la.

Mas a viagem proposta por este livro possui uma característica singular: ela não busca apenas chegar ao destino. O caminho é o próprio objeto da investigação. Isso nos devolve ao sentido mais profundo da experiência literária. Ler é deslocar-se. É abandonar temporariamente o próprio lugar para ocupar outro espaço, outro tempo, outra consciência. Ler Horácio através deste comentário significa, portanto, experimentar uma dupla viagem: aquela realizada pelo poeta e aquela realizada pela pesquisadora. A primeira percorre a Itália antiga. A segunda percorre os arquivos da memória cultural do Ocidente.

Em tempos acadêmicos marcados pela velocidade, pela necessidade de resultados imediatos e pela valorização

crescente da síntese, este livro lembra uma verdade fundamental das Humanidades:

Há conhecimentos que exigem tempo.
É preciso tempo para acompanhar um verso.
Tempo para investigar um topônimo.
Tempo para confrontar diferentes hipóteses arqueológicas.
Tempo para compreender uma instituição romana.
Tempo para comparar traduções.
Tempo para verificar uma distância.
Tempo para reconhecer que determinada localização permanece controversa.

O caso da pequena localidade, cujo nome Horácio afirma não poder ser dito em verso, é exemplar. A autora percorre diferentes hipóteses de identificação e conclui que, apesar das pistas oferecidas pelo poeta, o local permanece incerto depois de aproximadamente dois mil anos. Há nisso uma lição epistemológica importante: a pesquisa acadêmica não precisa transformar toda dúvida em certeza. Reconhecer a permanência de uma questão aberta é também produzir conhecimento.

Horácio encerra sua sátira afirmando que Brundísio é o fim de uma longa jornada e de uma longa escrita. Angela transforma esse final em um novo começo. Ao terminar a leitura de *Iter Brundisium*, percebemos que Brundísio não é apenas o destino de Horácio. É também o ponto de chegada de uma investigação que nos conduz por literatura, história, arqueologia, geografia, cultura, religião, política e linguagem. E, justamente porque chega ao fim, a viagem pode começar novamente.

Este livro nos ensina que um texto antigo nunca está definitivamente encerrado. Cada época pode retornar a ele com novas perguntas. Cada disciplina pode iluminar nele aspectos

diferentes. Cada leitor pode descobrir, em suas entrelinhas, aquilo que outros leitores não perceberam. É esse o destino dos grandes textos. E é essa também a razão pela qual precisamos continuar estudando os clássicos. Não para permanecer no passado, mas para compreender a longa duração das formas pelas quais a humanidade aprendeu a narrar suas viagens, suas cidades, seus conflitos, seus costumes, seus medos, seus desejos e suas próprias contradições.

Ao oferecer ao leitor brasileiro esta cuidadosa leitura da *Sátira I.5*, Angela Heloiza Benedito-Buxton presta uma contribuição significativa aos Estudos Clássicos e, por extensão, ao conjunto das Humanidades.

Que este livro encontre leitores atentos, pacientes e curiosos.

Que os classicistas nele encontrem matéria para novas pesquisas.

Que os estudiosos da literatura reconheçam nele uma importante reflexão sobre as relações entre texto, espaço, história e memória.

Que os pesquisadores das Humanidades possam atravessar, com a autora, as estradas antigas da Itália.

E que, ao chegar a Brundísio, o leitor compreenda que algumas viagens terminam apenas para que outras possam começar.

Prof. Dr. Marcio Jean Fialho de Sousa
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Introdução

Inicialmente, este texto foi apenas um dos muitos trabalhos semestrais produzidos durante meus estudos na área da Antiguidade Clássica que foram indicados para publicação. Dentre os estudos realizados, escolhi um comentário sobre a sátira do poeta romano Horácio para ser ampliado e publicado. Desse processo nasceu este pequeno livro, concebido como um comentário, isto é, uma discussão dos aspectos históricos, geográficos, arqueológicos e culturais relacionados à viagem narrada pelo poeta. Dedico-o aos meus queridos alunos — os de ontem, os de hoje e os que ainda virão.

O intuito é suprir a carência de conteúdos com a temática da Antiguidade Clássica, em língua portuguesa, e a escolha pelo comentário deu-se pela diversidade de tópicos abordados na sátira, permitindo uma maior abrangência de aspectos ligados à história, arqueologia e cultura do mundo romano, especialmente durante os últimos anos da República, quando o crescente poder de Otaviano já deixava antever o incipiente império, consolidado a partir de 27 a.C., quando o Senado lhe outorgou o título de *Augustus*, o Reverenciado.

Iter Brundisium, ou "Viagem a Brundísio", é uma sátira do poeta romano Horácio, que, como parte da uma comitiva de representação do futuro imperador, viajou de Roma à cidade portuária de Brundísio, no sul da Itália, em uma viagem tradicionalmente datada de 37 a.C. A *sátira* é um gênero literário romano, cuja temática – a crítica social e moral – era abordada através da ironia e do escárnio. *Iter Brundisium* encontra-se no seu primeiro livro de sátiras (I.5), publicado em 35 a.C.,

contendo dez poemas, a maioria sobre questões éticas, nos quais se incide a ironia horaciana sobre as fraquezas humanas, tais como vícios e ganância.

A sátira narra que na primavera de 37 a.C., o poeta romano Horácio viajou de Roma a Brundísio, o maior porto marítimo do sul da Itália (Mapa 1), como um dos membros da comitiva de Mecenas, encarregada de negociar com Marco Antônio, em nome de Otaviano, que, mais tarde, seria conhecido como Augusto, o primeiro imperador romano. Os acontecimentos dessa viagem foram relatados pelo poeta na quinta sátira do primeiro livro (Satirae I. 5), intitulada *Iter Brundisium* (Viagem a Brundísio).

"Quintus Horatius Flaccus (65 a.C-8 a.C.) nasceu em Venusia, atual Venosa, região da Apúlia, na Itália, e era filho de um escravo emancipado que foi funcionário público e financiou seus estudos em Roma e, depois, em Atenas. Horácio, juntamente com Virgílio e Ovídio, pertencia ao círculo de Mecenas – conselheiro de Augusto, responsável pela contratação e supervisão dos artistas a serviço da corte.

Sua obra compreende quatro livros de odes, um de epodos, dois de sátiras, dois de epístolas, um hino e uma carta. A *satura* é um gênero literário romano, cuja temática – a crítica social e moral – era abordada através da ironia e do escárnio.

Horácio, ainda hoje, é lembrado, especialmente pela expressão carpe diem: Carpe diem quam minimum credula postero – Ode I.11 (Desfrute o hoje, minimamente crédula no amanhã). No entanto, muitos outros versos revelam a sagacidade irônica do autor, como: Quidquid praecipies esto brevis. Ars Poetica – 335 (Qualquer conselho que tenhas, sê breve!); ou Nulla placere diu nec vivere carmina possunt, quae scribuntur aquae potoribus. Epistolae – I.19 (Nenhum poema escrito por bebedores de água pode agradar, ou, mesmo, persistir por algum tempo)" (Rolfe, 1901, p. 15).

Encantador, porém conciso e, algumas vezes, impreciso, é o relato da rota. Enquanto descreve as paradas, as aventuras e as frustrações da jornada, o poeta, sutilmente, faz alusões aos costumes romanos, à geografia ou à paisagem de algum lugar em particular e à ocasião da viagem. O presente trabalho

comenta esses aspectos da Sátira I.5 por meio de uma seleção de versos, acompanhando, em geral, a ordem do poema. Quando a discussão de um assunto específico o exige, alguns excertos são apresentados em outra sequência. Cada trecho é transcrito em latim e traduzido para o português[1], com a indicação dos números dos versos correspondentes.

As cidades mencionadas nessa sátira são, brevemente, discutidas em termos de sua importância no período romano, bem como de suas ruínas arqueológicas. As referências históricas após o período romano são indicadas apenas quando tais eventualidades afetam sua própria existência ou os vestígios atuais. A quantidade de informação para cada localidade é variável e depende dos resultados de escavações publicados, sendo difícil conseguir uma discussão igual e justa das várias localidades visitadas por Horácio, já que as informações disponíveis variam muito de lugar para lugar. Na verdade, determinar a localização exata dos locais ainda é um ponto de discussão. Por outro lado, é fácil inferir que a velocidade de deslocamento parece mais lenta do que a média, porém, geralmente, a uma taxa constante.

As distâncias são, em sua maior parte, conhecidas por meio de inscrições e itinerários antigos. Permanecem, contudo, duas incertezas principais: a localização exata da casa de campo próxima a Trivicum e a identificação do *oppidulum quod versu dicere non est* — a aldeia "[cujo nome] não pode ser dito em verso".

É, portanto, entre evidências históricas, vestígios arqueológicos e lacunas ainda abertas à investigação que este livro procura reconstruir o percurso. Feitas essas considerações, convidamos o leitor a tomar a estrada e

1 Todas as traduções deste trabalho são de minha autoria.

acompanhar Horácio em sua viagem de Roma a Brundísio, iniciada em um dia de primavera, há mais de dois mil anos.

Mapa 1: O itinerário de Horácio

ETAPAS DO ITINERÁRIO

1. **Roma** — Roma
2. **Aricia** — Aríccia
3. **Forum Appii** — Borgo Faiii
4. **Anxur** — Terracina
5. **Fundi** — Fondi
6. **Formiae** — Formia
7. **Sinuessa** — Mondragone
8. **Pons Campanus** — rio Savone
9. **Capua** — S. Maria Capua Vetere
10. **Caudium** — Montesarchio
11. **Beneventum** — Benevento
12. **Villa próxima a Trivicum** — localização aproximada
13. **Canusium** — Canosa di Puglia
14. **Rubi** — Ruvo di Puglia
15. **Barium** — Bari
16. **Gnatia** — Egnazia
17. **Brundisium** — Brindisi

Nota: o poema também registra o desembarque junto à fonte de Ferônia e um oppidulum não nomeado; o trecho Beneventum–Canusium permanece topograficamente incerto.

Base geográfica: Natural Earth · traçado esquemático

Fonte: Elaboração própria, com auxílio de IA.

Comentário

Egressum magna me accepit Aricia Roma
Hospitio modico, (1-2).

Arícia recebeu-me em uma modesta pousada após eu ter deixado a grandiosa Roma,

Enfatizando o contraste entre Roma e a pequena vila, com sua modesta pousada, Horácio começa sua famosa sátira. Roma era, certamente, *magna*. Ainda no final do século II a. C., sua área definida pelo ***pomerium*** era de 426 hectares, de acordo com Gilbert Charles-Picard, em *Roma et les Villes d'Italie des Gracques a la mort d' Auguste* (1978, p.10), e, na época da viagem de Horácio, essa área já havia sido estendida por Sula e Júlio César[2], embora não se saiba sua extensão exata.

Na época da viagem de Horácio, Roma já era um grande centro urbano, com fora[3], basilicae, templos,

Por derivação, entende-se o termo ***pomerium*** como a faixa de terreno "atrás do muro". Mais corretamente, no entanto, significa as faixas em ambos os lados do muro, uma área que os antigos etruscos consagravam com cerimônias augurais quando uma nova cidade estava a ser fundada. Era uma faixa estreita, precisamente definida em largura, que seguia o curso que a muralha da cidade tomaria quando fosse construída. O seu objetivo era manter a muralha, no lado interior, desimpedida de qualquer construção e, ao mesmo tempo, deixar, no lado externo das muralhas, uma área não poluída pelo uso do homem. Sempre que, com o crescimento da cidade, propôs-se a aumentar a área delimitada no interior das muralhas, a faixa de terra consagrada era pactualmente estendida na face externa (Tito Lívio I. 44). Entretanto, a extensão do *pomerium*, de acordo com o antigo costume, só poderia ser feita por homens que – por suas vitórias sobre as nações estrangeiras – tivessem expandido as fronteiras do império (Tácito, *Annales*, XII. 23).

2 Por Sula, em AUC 674; por Júlio César, em AUC 702; por Augusto, em AUC 746, e, mais tarde, por ou-tros imperadores, o último sendo Aureliano (Anthon, Roman Antiquities, 1862, p. 2).

3 Fora é o plural de forum, termo que corresponde ao grego agorae designa a praça principal de uma cidade romana, servindo como centro comercial, social, legal e político.

pontes e edifícios destinados aos espetáculos. Seu abastecimento de água contava com quatro aquedutos: Appia, Anio Vetus, Marcia e Tepula (Frontino, De aquaeductu, 4–7). As Figuras 1 a 6 ilustram monumentos de diferentes épocas, que ajudam a compreender o desenvolvimento da cidade descrita por Rodolfo Lanciani[4], em The Ruins and Excavations of Ancient Rome (1897), e Raymond Chevallier, em Roman Roads (1976). Nem todos, contudo, existiam em 37 a.C.: o aqueduto Júlia, o Fórum de Trajano, a Basílica Úlpia e o Teatro de Marcelo são posteriores à viagem. Com uma população de, aproximadamente, 800.000 habitantes, a "cidade das sete colinas"[5] era, de fato, um centro urbano excepcional na antiguidade.

AUC é a abreviatura da expressão latina *ab urbe condita*, "desde a fundação da cidade", que também dá título à obra de Tito Lívio (Livy, 1962). Esse sistema de datação toma como referência a fundação de Roma, tradicionalmente situada em 753 a.C. Como esse ano corresponde ao ano 1 AUC, o ano 702 AUC equivale a 52 a.C., resultado da operação 754 − 702. As pesquisas arqueológicas realizadas no Palatino, onde se encontram alguns dos vestígios mais antigos de Roma, revelam ocupação estável desde os séculos X–IX a.C. Esses achados ajudam a compreender as origens da cidade, mas não permitem confirmar uma data exata para sua fundação

Nesta pesquisa, optei por não o traduzir do latim, pois a tradução – mercado – em língua portuguesa, não condiz com a magnificência arquitetural e artística de um forum romano, uma enorme área, geralmente, retangular e com colunata, ladeada de edifícios públicos, como basilicae e templos

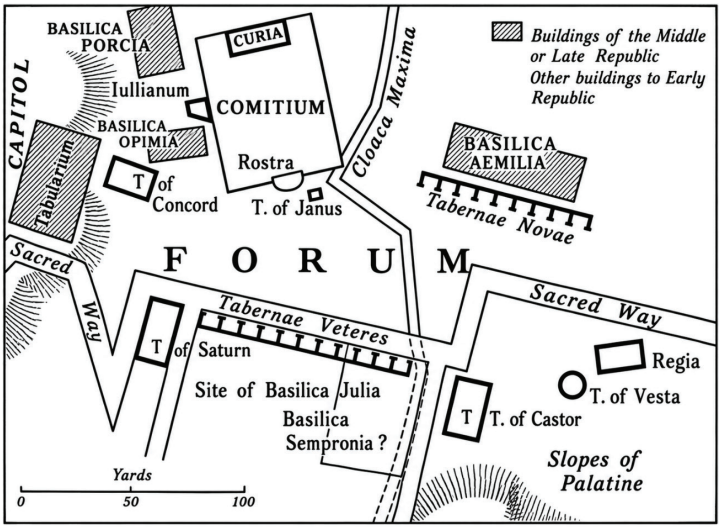
4 Rodolfo Lanciani e Pietro Rosa foram os primeiros a escavar a parte antiga de Roma, concentrando seus esforços no Forum Romano. Escavações posteriores, realizadas pela Escola Britânica de Arqueologia de Roma, pela Escola Francesa de Roma, pelo Instituto Arqueológico Alemão e pela Universidade de Roma, concentraram suas pesquisas nos níveis imperiais.

5 Em alusão às sete colinas (Palatinus, Capitolinus, Aventinus, Quirinalis, Coelius, Viminalis e Esquilinus) da cidade. O mesmo epíteto foi também usado por outros escritores, por exemplo:
Scilicet et rerum facta est pulcherrima Roma,
Septem una sibi muro circumdedit arces...
"Assim, Roma tornou-se de todas as coisas a mais bela e, com uma única muralha, cingia suas sete coli-nas" (Virgílio, Geórgicas II. 534).

Basilicae, plural de *basilica*, local de reuniões públicas, dos tribunais de justiça e de transações comerciais. Seu plano arquitetural – um imenso e imponente salão, com alas laterais colunadas – inspirou a arquitetura religiosa ocidental, no início do período medieval.

A população de Roma é marcada por grandes flutuações em diferentes períodos históricos, e não há acordo entre as fontes consultadas. Conforme Sylvia Pressouyre, em *Roma au Fil du Temps* (1973, p. 16), que calcula 800.000 habitantes no final da República, pois sua estimativa está de acordo com a estimativa calculada por Beloch (*in* Lanciani, 1897, p. 93), com base no número dos que receberam a distribuição gratuita de grãos no início do Império. Assim, parece ter sido uma população consideravelmente grande para o período, e o mesmo autor menciona que esse número não foi atingido por uma moderna capital até o início do século XIX.

Figura 1a: Plano do *Forum* Romano



Fonte: Robinson (1965, p. 39).

Figura 1b: Reconstrução do *Forum* de Trajano

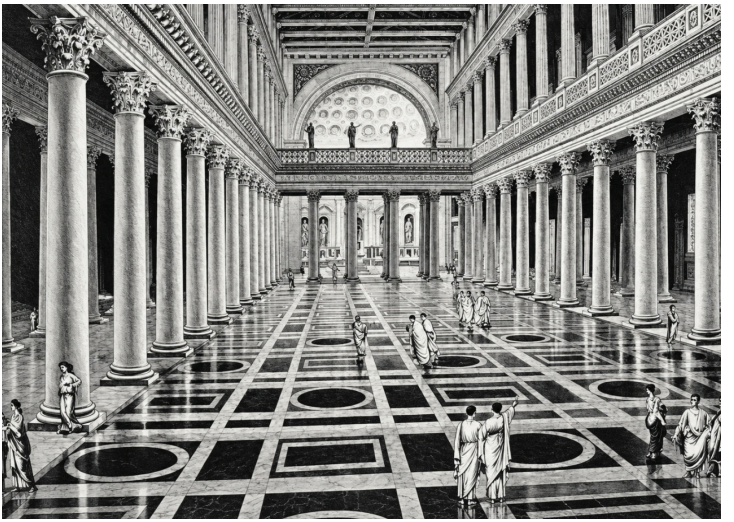
Fonte: Rostovtzeff (1927, foto XLIX. 1, p. 240).

***Forum* Romano**, uma área retangular cercada pelas ruínas de vários edifícios importantes no centro de Roma, no pequeno vale entre os montes Palatino e Capitolino. Muitas das ruas mais antigas e importantes da cidade antiga localizavam-se naquele *forum* ou nas proximidades.

Figura 2: Arcos do Aqueduto Júlia, construído em 33 a.C., o quinto aqueduto de Roma

Fonte: Purcell (1986, p. 570).

Figura 3: Reconstrução da *Basilica* Ulpia, no *Forum* de Trajano

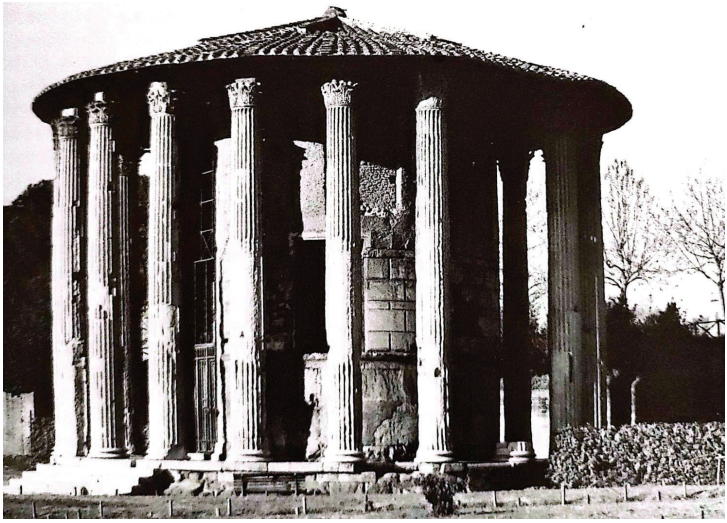


Fonte: Rostovtzeff (1927, foto XLIX. 2, p. 240).

Figura 4: Ponte Mílvia (cruza o Tibre, ao norte de Roma; construída em 109 a.C., sendo o local da vitória do imperador Constantino, o Grande, contra Magêncio, em 312)

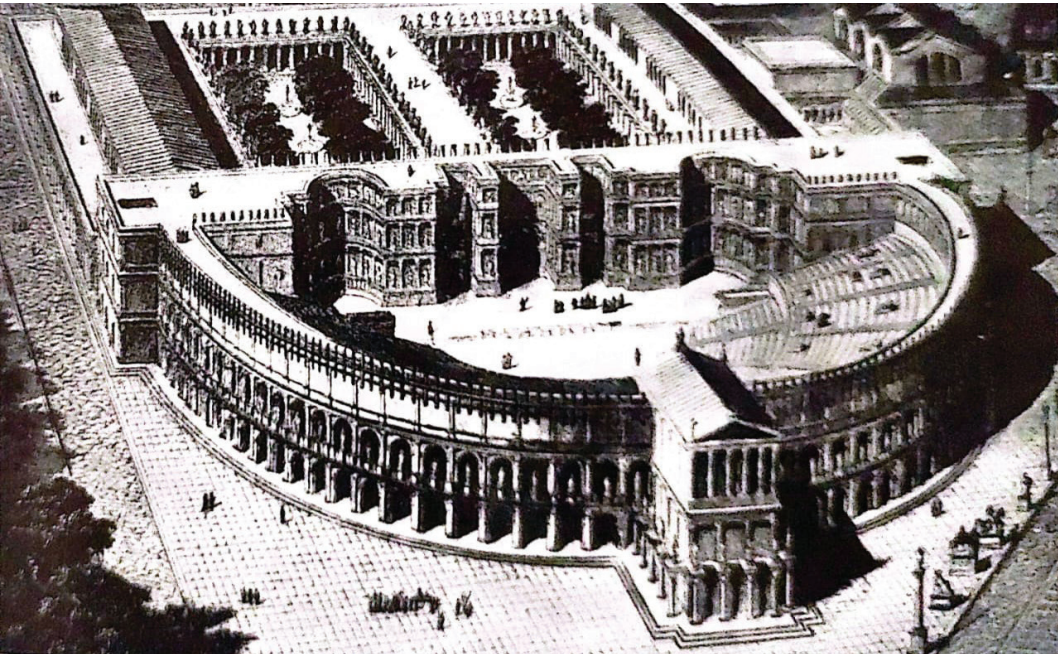
Fonte: Wheeler (1964, p. 152, foto 135).

Figura 5: Templo circular, ao lado do rio Tiber, em Roma (séc. II a.C.)



Fonte: Rawson (1968, p. 434).

Figura 6: Modelo do Teatro de Marcellus, Roma (Final do séc. I a.C)



Fonte: Rostovtzeff (1927, p. 244).

Mesmo em vista da grandiosidade de Roma, considerada por si só, Arícia era uma localidade considerável. Situada na encosta inferior das montanhas Albanas, dezesseis milhas[6] a sudeste de Roma, a antiga Arícia fica no *Valle Aricciana*, uma cratera abaixo da moderna cidade de La Riccia, que ocupa o local da antiga cidadela, numa montanha íngreme acima do vale. Algumas ruínas das antigas fortificações de Arícia ainda existem próximas ao portão da cidade moderna; além delas, existem as ruínas de um templo na encosta em direção ao *Valle Aricciana*. Não há indicação quanto ao deus

6 As distâncias são dadas em milhas romanas, sendo uma milha romana (mille passus) equivalente a 4.854 pés, ou seja, 1.480 metros.

desse templo, mas Antonio Nibby, que o descobriu e descreveu em *Viaggio Antiquario ne' contorni di Roma* (1819, p. 156-157), acredita que a sua localização privilegiada, a sua estrutura maciça e sua magnificência, bem como a sua antiguidade, indicariam que ele foi o principal templo de Arícia e, como tal, teria sido dedicado a Diana, a padroeira da cidade.

Esse, no entanto, não era o célebre templo de Diana *Nemorensis*, cujas ruínas foram localizadas a três milhas da cidade. Situado no meio de um denso bosque (Nemus Aricinum) que outrora cobria as encostas mais baixas das montanhas Albanas e às margens de um pequeno lago em forma de cratera (*lago di Nemi*), que os poetas chamavam de *speculum Dianae*[7] – "espelho de Diana" –, esse templo foi escavado em 1885 por Sir J. Savile, embaixador britânico em Roma. Na descrição publicada por *Henry F. Tozer* em Selections from Strabo (1893, p. 98), os restos então visíveis do santuário eram a grande plataforma onde o templo se situava e, em seu canto leste, um muro de contenção com nichos semicirculares

7 De acordo com Estrabão (V. 3.2), nesse templo, "um elemento bárbaro e Cita predomina nos usos sa-grados, pois, somente um escravo fugitivo, que tenha matado com as próprias mãos o homem anteri-ormente consagrado, poderia tornar-se o novo sacerdote; consequentemente, o mesmo está sempre armado com uma espada, olhando em volta para os ataques, e pronto para se defender".

Opus incertum *é o* termo técnico usado por Vitrúvio, arquiteto romano de, aproximadamente, 30 a.C., para descrever uma parede de cimento revestida com blocos de tufo calcário de tamanhos diferentes e superfícies planas de padrão irregular.

revestidos com ***opus incertum***. Outros vestígios da cidade romana incluem um viaduto da época de Augusto e algumas construções indeterminadas.

Da pousada em Arícia quase nada se sabe, exceto que Horácio a considerou modesta. A tradição literária sobre as hospedarias romanas inclui descrições depreciativas de suas condições e de seus proprietários. Firebaugh (1928), por exemplo, reúne testemunhos dessa má reputação[8]. Esses juízos, porém, não devem ser tomados como descrição uniforme de todos os estabelecimentos e frequentadores.

O próprio Horácio, no verso 4 de Viagem a Brundísio, atribui aos estalajadeiros de Forum Appii o epíteto maligni, que, no contexto, sugere avareza ou desonestidade. Suas críticas em outras obras[9] também integram uma representação literária e não bastam, isoladamente, para caracterizar toda a atividade de hospedagem. Mas, quaisquer que tenham sido os sentimentos do poeta por tais estabelecimentos, esses não o impediram de se hospedar em pousadas mais de uma vez nessa viagem, como ele fez, sem dúvida, pelo menos em Arícia e Benevento.

As pousadas romanas da zona rural eram localizadas ao longo das grandes rodovias, perto de pontes, vaus

---

8 As esposas dos proprietários compartilhavam a má reputação de seus maridos, estando elas até mesmo isentas das disposições da legislação contra o adultério. Como William Firebaugh menciona, em *The Inns of Greece & Rome* (Firebaugh, 1928, p. 98), "a lei poderia ser ofendida se a esposa de um estalajadeiro não a evadisse, ou, mesmo, se ela ousasse obedecê-la de alguma maneira".

9 Por exemplo, na *Sat.* I. 1, 29: *Perfidus hic caupo…* (Aqui um estalajadeiro traiçoeiro…), e na *Epístola I.* 11, 11-12: *Sed neque qui Capua Romam petit, imbre lutoque / adspersus volet in caupona vivere* (Mas nem aquele que vai de Cápua a Roma, borrado pela chuva e lama, deseja viver em uma pousada).

e cruzamentos importantes. Os termos latinos para esses estabelecimentos são *stabulum, hospitium, deversorium* e *caupona. Stabulum,* originalmente, significava um estábulo e, nesse contexto, indicava um albergue onde se podia parar com um cavalo embora não importasse se alguém tivesse ou não um cavalo. No entanto, como enfatiza Lionel Casson, em *Travel in the Ancient World* (1974, p. 204),

> [...] mesmo as pousadas respeitáveis, às quais os romanos davam, geralmente, termos neutros mais dignificados, como *hospitium* "lugar de hospitalidade" ou *deversorium* "lugar para virar de lado", incluía prostitutas entre os serviços oferecidos, enquanto que o tipo que chamavam de *caupona* era nitidamente de classe baixa: atendia a marinheiros, carroceiros e escravos, a sua sala de jantar tinha mais a atmosfera de uma bodega que de um restaurante, e o *caupo*, como era chamado o proprietário de uma *caupona*, era do mesmo nível social e moral do seu estabelecimento... nenhum era conhecido pela honestidade escrupulosa.

Além das pousadas descritas, havia *popinae* e *tabernae*, estabelecimentos que podiam servir comida e bebidas, mas não ofereciam acomodações. Pode ter havido uma dessas na vizinhança do templo de Ferônia, pois o poeta relata, no verso 25:

Milia tum pransi tria repimus...

Depois do café da manhã, arrastamo-nos, vagarosamente, por três milhas...

O arranjo físico de tais estabelecimentos pode ser reconstruído a partir das ruínas de Pompeia. Embora Pompeia não fosse situada na rota de Horácio, suas ruas, lojas e pousadas devem ter sido muito semelhantes a outras do mundo romano na época. Um estabelecimento de Pompeia, A Pousada de Hermes, possuía ampla entrada da rua, com quartos de vinho de cada lado. Havia apenas três quartos no andar térreo, mas havia também quartos superiores alcançados por um lance de escadas na parte de trás. Na frente, havia outra escada, com uma entrada própria a partir da rua, mas os quartos alcançados por ela, provavelmente, não tinham qualquer ligação com a pousada. Por trás dessa escada, no andar de baixo, havia uma lareira com um aquecedor de água. Também no piso térreo, foram localizados um estábulo, um abrigo para carroças, um cocho e um banheiro, segundo relata August Mau, em *Pompeii, its life and art* (1982, p. 189).

No dia seguinte, Horácio e seu amigo chegam a *Forum Apii*, 27 milhas mais ao sul:

Inde Forum Appi,
Differtum nautis, cauponibus atque malignis.
Hoc iter ignavi divisimus, altius ac nos
Praecinctis unum; minus est gravis Appia tardis.
Hic ego propter aquam, quod erat deterrima, ventri
Indico bellum, cenantis haud animo aequo
Expectans comites. (3-9)".

Em seguida, Forum Appii, lotado de barqueiros e estalajadeiros malévolos.
Essa jornada, que preguiçosamente dividimos, outros, mais ligeiros do que nós, percorrem em um dia;
pois a Ápia é menos árdua para aqueles que viajam lentamente.
Aqui, por causa da água, que era deletéria,
declarei guerra ao meu estômago, enquanto nada bem-humorado, esperava pelos companheiros que jantavam.

O termo "forum" se aplicava a lugares onde eram instalados os mercados, e a justiça era administrada. Forum Appii deriva seu nome do construtor da Via Ápia – Appius Claudius Caecus, que iniciou sua construção em 312 a.C., quando era censor, e a completou até Cápua, percorrendo uma distância total de cento e trinta e duas milhas romanas, aproximadamente 195 quilômetros, antes do término de seu mandato. De Cápua, a estrada foi levada para Benevento e de lá para Brundísio, onde chegou em 264 a.C (Haegen, 1967, p. 267).

Segundo Estrabão (VI. 3.7), o comprimento total da estrada de Roma a Brundísio era de trezentas e sessenta milhas romanas, aproximadamente 533 quilômetros, e sua

largura variava entre dez e oito pés romanos[10], que era a largura mínima permitida para uma estrada de duas faixas. A Via Ápia (Figura 8) era uma *via silice strata* (estrada pavimentada com sílex), isto é, com pedras poligonais de rocha ígnea durável, como basalto (sílex), granito e pórfiro, que foram encaixadas para formar uma superfície quase, absolutamente, lisa (Casson, 1974, p. 169-171).

Figura 7: Foto da Via Ápia

Fonte: Purcell (1986, p. 568).

10 A medida romana correspondia a cerca de três polegadas e meia a menos que a medida inglesa, ou seja, 10 pés romanos = 2,96 m., enquanto 10 pés ingleses = 3,048 m. Assim, a largura da via deveria ficar entre 2,36 e 2,96 m.

A "rainha das longas rodovias" – como a Via Ápia é chamada por Estácio[11] – a mais célebre das estradas romanas, ligava Roma a Brundísio, tornando-se, assim, a principal via de comunicação com a Grécia, a Macedônia e o Oriente (Mapa 2).

Mapa 2: Via Ápia e Via Trajana

Fonte: Wikimedia commons. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Via_Appia_map.jpg. Acesso em: 15 jul. 2026.

Forum Appii é, atualmente, uma localidade abandonada, porém, claramente, demarcada, tanto pelas ruínas consideráveis em cada lado da Via Ápia como pelo marco 43, preservado *in situ*. A cidade era localizada nos pântanos de Pontine, formados pela estagnação do Ufens e outros rios, ao sudeste de Roma, entre as montanhas Volscianas e o Mar Tirreno, uma região assolada pela malária, ocupando um

11 *Appia longarum teritur regina viarum* (*Silvae* II. 2,12): Publius Papinius Statius (Estácio), poeta romano do primeiro século da nossa era.

espaço de cerca de 30 quilômetros de comprimento por 7 ou 8 de largura. Segundo Bunbury, no *Dictionary of Greek and Roman Geography* (1854, p. 907), a sua localização, no meio de pântanos, seria suficientemente responsável pela péssima qualidade da água referida por Horácio. Sua declaração é, no entanto, contestada pelo relato de F. Pratilli, em *Della Via Appia Riconosciuta e Descritta da Roma a Brindisi* (1745, p. 96), de ter observado nascentes de águas doces e minerais nos arredores de Forum Apii.

A partir daqui era usual, para viajantes na Via Ápia, embarcar em um canal fluvial de dezenove milhas, chamado *Decennovium*, cujo curso, paralelo à linha da estrada, conduzia para os arredores de Terracina. Não é sem razão, portanto, que o lugar estava lotado com barqueiros e estalajadeiros. Além disso, Horácio diz que essa jornada, ou seja, o trecho de 43 milhas desde Roma, era feita em um dia por viajantes mais rápidos do que ele, e, portanto, era um lugar de parada regular para viajantes provenientes de Roma. As "19 milhas", indicadas pelo nome *Decennovium*, começavam a partir de Tripontium, moderna Treponti, de onde o canal seguia em linha reta até chegar a três milhas de Tarracina (Smith, 1854, p. 655). Portanto, Horácio, que havia embarcado em Forum Appii, percorrera 16 milhas nele.

O termo *praecinctus*, que significa "cingir na frente, cercar", embora, originalmente, referindo-se a viajar a pé, era uma expressão geral, aplicada a uma pessoa ativa e vigorosa. Esse significado derivado originou-se a partir do costume dos romanos de amarrar na cintura suas túnicas a fim de deixar as pernas livres para permitir passos maiores. A *tunica* era uma roupa de lã sobre a qual a *toga* era normalmente usada, mas era também usada por si só quando os romanos estavam em casa,

ou sob a *paenula*, um manto grosso, usado em viagens, em vez da toga, para proteção contra o frio e a chuva.

Segundo Charles Anthon, em *Works of Horace* (1854, p. 450), a declaração de Horácio: *minus est gravis Appia tardis* (a Ápia é menos árdua para aqueles que viajam lentamente) refere-se "à abundância de boas pousadas na Via Ápia, em que a outra estrada, a Via Minúcia, era deficiente". No entanto, em vista da evidência em contrário sobre as pousadas do mundo romano em geral, como já discutido acima, a sua explicação parece falha. Além disso, é difícil saber como ele é capaz de determinar o que existia, ou não, na Via Minúcia, se até mesmo a sua rota não foi estabelecida.

Portanto, o comentário de John Rolfe, em sua edição de Horácio, *Q. Horati Flacci Sermones et Epistulae* (1901, p. 195), de que a declaração de Horácio é verdadeira porque a estrada foi pavimentada com grandes blocos de pedra que fariam uma carruagem com certa velocidade chacoalhar, intensamente, parece mais razoável. Mesmo que o pavimento de uma estrada principal, como a Via Ápia, tenha sido realizado com o maior cuidado, de modo a não deixar emendas ou fissuras para admitir água ou para sacudir os veículos, um passeio livre de solavancos parece ter sido impossível em um veículo com rodas de madeira, envoltas em aros de ferro. Pois não só não havia pneus, mas também os veículos não tinham qualquer tipo de molas (Casson, 1974, p. 180).

Ademais, com esse verso, Horácio dá a entender que estão utilizando algum veículo como meio de transporte, assim como também no verso 47: *Hinc muli Capuae clitellas tempore ponunt* (Daqui as mulas deixam as selas de cargas em Cápua a tempo). No entanto, as únicas ocorrências claramente apontadas de um modo específico de transporte encontram-se no verso 20, em que o poeta menciona a travessia de barco pelos

pântanos de Pontine, *"... nil cum procedere lintrem sentimus*;" (... quando percebemos que o barco não se movia;), e no verso 86, quando diz: "*Quattuor hinc rapimur viginti et milia raedis"* (Daqui fomos carregados vinte e quatro milhas por carruagens). Todavia, mesmo que o poeta seja lacônico nesse ponto, não há razão em supor que o restante do trajeto tenha sido a pé, o que seria bastante incomum para um homem do seu nível social[12], pois, mesmo que ele não possuísse uma carruagem, poderia facilmente alugar uma, considerando que veículos de aluguel e bestas para puxá-los eram encontrados nos portões de qualquer cidade de alguma importância.

Também, facilmente, encontrada para alugar nos portões da cidade era a *lectica,* um tipo de poltrona ou liteira carregada por escravos, que era o único transporte que proporcionava uma viagem sem sacudidelas na estrada, mas, também, era, inevitavelmente, o meio de transporte mais lento. A *lectica* completa tinha um formato oblongo, consistindo de um colchão sobre uma cama ou um sofá, e uma almofada para apoiar a cabeça, e uma cobertura de couro, que, apoiada em quatro pilares, estendia-se sobre toda a cama. Algumas possuíam cortinas; outras eram fechadas nos lados e possuíam janelas transparentes.

Havia também outro tipo de liteira, chamada *basterna*, muito semelhante a uma *lectica*, mas que era transportada por mulas em vez de escravos. No entanto, os veículos romanos usados nas estradas podem ser agrupados em duas classes: carruagens de duas rodas, como o *cisium,* o *essedum,* o *covinus*

12 Como assume Albert Bischoff, em seu comentário *De Itinere Horatii Brundisino Commentatio* (1880, *passim*). Na página 24, quando se refere, especificamente, ao verso 86, ele argumenta que a razão pela qual os viajantes percorreram quase tanto ou um pouco mais de distância do que nos dias anteriores (quando supostamente viajaram a pé), é porque as estações eram, geralmente, pré-organizadas, e essa ordem fixa e os acordos de viagem não eram facilmente desfeitos.

e o *carpentum*, bem como veículos de quatro rodas, como o *pilentum*, a *reda* e o *petorritum*[13].

O *cisium* era descoberto e tinha um único assento, largo o suficiente para acomodar um passageiro além do cocheiro, e era puxado por dois cavalos ou mulas, sendo o veículo favorito para viagens rápidas. O *essedum* e o *covinus* eram carros de guerra, propriamente ditos, empregados pelas tribos celtas dos belgas e pelos antigos bretões. Eram fechados em todos os lados, exceto na frente, e foram adotados pelos romanos para viagens. O *carpentum* era a carruagem na qual as matronas romanas podiam ser transportadas nas procissões festivas públicas, embora também fosse usada para viagens. Essa carruagem continha assentos para duas, às vezes, três pessoas, além do cocheiro, e era comumente puxada por uma parelha de mulas.

O *pilentum* era uma carruagem de quatro rodas muito semelhante ao *carpentum*, em design e uso, mas parece ter sido aberto em ambos os lados. A *reda* era o veículo de viagem usual e era grande o suficiente para transportar não apenas muitas pessoas, mas também bagagens e utensílios. O *petorritum* também tinha quatro rodas e era usado nas procissões triunfais para os despojos de guerra. Era, essencialmente, uma carroça de bagagem e era ocupada pelos criados em uma caravana de viajantes.

Com esse mesmo verso, Horácio também transmite informações sobre sua rota, porquanto aqui ele especifica a estrada e, nos versos seguintes, nomeia cada parada até Benevento, sem deixar espaço para suposições e celeuma acadêmica, visto que a única cidade que ele não nomeia,

---

13 Todas as informações sobre veículos romanos são de W. Becker, *Gallus or Roman Scenes of the time of Augustus* (1907, p. 342-350). O autor não faz uma distinção clara entre o *essedum* e o *covinus*. Durante o período imperial, os romanos também possuíam a *carruca*, uma carruagem semelhante a uma *reda*, porém, mais curta, mais elegante e equipada com uma cama (Becker, 1907, p. 348).

Formiae, é bem conhecida pela escolha do epíteto que lhe é aplicado.

Nos versos 9 a 23, o poeta relata os acontecimentos da viagem de barco no *Decennovium*. Sua descrição dessa parte da viagem, embora em um tom divertido, heroico-simulado, está em perfeita concordância com o relato de Estrabão (v.3.6), pois o geógrafo descreve:

> Perto de Terracina, em direção a Roma, há um canal que corre ao longo da Via Ápia, e é alimentado em vários pontos pelas águas dos pântanos e rios. As pessoas navegam pelo canal, de preferência à noite (para que, se embarcarem à noite, possam desembarcar cedo pela manhã e seguir o resto da viagem pelo Caminho [ou seja, pela Via Ápia], mas também o navegam durante o dia. O barco é rebocado por uma mula.

Enquanto o poeta entoa:

Iam nox inducere terris
Umbras et caelo diffundere signa parabat; (9-10)

Já a noite se preparava para trazer as sombras sobre a terra e espalhar as constelações no céu;

... ac missae pastum retinacula mulae
Nauta piger saxo religat... (18-19).

... e o preguiçoso barqueiro amarrou numa rocha as amarras da mula que, enviada para pastar...

E finaliza com uma reclamação sobre a chegada tardia:

... QUARTA VIX DEMUM EXPONIMUR HORA. (23)

... finalmente desembarcamos tão somente às dez horas...

Em relação à ***quarta*** hora, é necessário entender como os romanos entendiam a divisão do dia, pois as horas equinociais, embora conhecidas por astrônomos e filósofos, não foram usadas pelos romanos até o século IV d. C. Em vez disso, eles dividiam o dia em doze horas, cada uma sendo um doze avos do tempo entre o nascer e o pôr do sol e variando, portanto, com a estação do ano. Assim, a *quarta hora* corresponde a 8 horas e 13 minutos durante o solstício de verão, mas a 9 horas e 46 minutos durante o solstício de inverno, em nossas horas equinociais. No entanto, ao considerar expressões como *prima, altera, quarta hora* etc., não se entende bem se a hora se refere à que está passando ou àquela que já passou, pois, nos antigos relógios de sol, as horas eram marcadas por onze linhas, de modo que a primeira hora já havia decorrido quando a sombra do gnômon incidia sobre a primeira linha. Portanto, *hora prima* significaria: após o decurso da primeira hora. Por outro lado, pela maneira como Marcial, iv.8, ao descrever os vários propósitos aos quais as horas do dia eram dedicadas pelos romanos, fala das horas, é evidente que, em cada uso, ele quer dizer a hora que está passando e não aquela que já passou (Becker, 1907, p. 316-317).

Seguindo, bem próximo do local de desembarque do canal, ficava o templo de Ferônia, pois Horácio diz, sem mencionar qualquer continuação da jornada:

Ora manusque tua lavimus, Feronia, lympha; (24)

Em tuas águas, ó Ferônia, lavamos o rosto e as mãos;

Sua localização, segundo Pratilli (1745, p. 111), era próxima ao 58º marco miliário no curso da Via Ápia, no lado direito, em direção ao mar. De fato, o local desse santuário está, claramente, marcado em um lugar agora chamado *Torre di Terracina* – onde há uma bela e abundante fonte de águas límpidas, irrompendo logo no sopé das colinas, que aqui delimitam os pântanos de Pontine – com alguns restos do templo ainda visíveis (Bunbury, 1854, p. 897). Parece ter havido, também, um bosque sagrado no local, pois na *Eneida* – o épico romano que narra a fuga do príncipe troiano Enéas para a Itália – (vii. 800), Virgílio diz: ... *Quis Juppiter Anxurus arvi praesidet et viridi gaudens Feronia luco* (Sobre cujos campos reina Júpiter de Anxur, e Ferônia, regozijando-se em seu verde bosque).

Ferônia era uma antiga deusa de algumas tribos itálicas, e seu culto, nesse templo, era associado ao de Júpiter Anxur e assimilado à Juno (Pratilli, 1745, p. 113).Segundo Sérvio (ad Aen. VIII.564), citado por Bunbury (1854, vol. I, p. 897), Ferônia era uma deusa dos libertos, e seu santuário estava associado a ritos de manumissão. Segundo a tradição, qualquer escravo podia obter sua liberdade sentando-se em um assento de pedra situado nesse templo. No entanto, essa tradição sobre o assento de pedra integra o contexto ritual e não deve ser entendida como concessão automática de liberdade pelo simples ato de sentar-se nele.

Três milhas abaixo do templo de Ferônia, aninhada, pitorescamente, entre os picos escarpados das colinas Ausônias e o Mar Tirreno, fica Terracina. Logo ao norte dela, segundo Pratilli (1745, p. 115), na época de Horácio, a Ápia, em vez de seguir em linha reta, virava, ligeiramente, para o interior, em direção às colinas e, então, iniciava um lento caminho curvo para cima. Assim, uma vez que a estrada seguiu por lá, o poeta seguiu por aqui[14]:

...REPIMUS ATQUE SUBIMUS
IMPOSITUM SAXIS LATE CANDENTIBUS ANXUR. (25-26)

...rastejando, escalamos até Anxur,
espaçosamente empoleirada em brilhantes rochas
brancas.

Nesse verso, Horácio apresenta um retrato pitoresco do local, pois, de fato, a cidade ficava no cume de uma montanha, embora, na realidade, coberta de calcário acinzentado, aos pés da qual se situa a moderna Terracina. Ele a chama pelo seu nome **volsco**, se bem que, nessa época, Anxur já fosse uma colônia romana há muito tempo, conhecida, tanto pelos romanos como por outros povos da península, como Terracina.

14 Segundo Pratilli (1745, p. 123), na época de Trajano (98-117 d.C.)" , seu curso foi alterado, presumivelmente, para evitar as dificuldades da subida e descida. Pesco Montano, um afloramento rochoso que fica ao lado e abaixo do Monte Sant'Angelo, local de Anxur, foi cortado 120 pés em linha reta para baixo, para abrir uma passagem entre sua barreira rochosa e o mar, encurtando a distância total de Roma a Cápua em apenas uma milha, porém, economizando meio dia de tempo de viagem.

Terracina parece ter se tornado uma das mais importantes cidades marítimas sob o domínio romano, desde o início, e continuou a ser uma cidade considerável e próspera sob a República Romana. Foi extensamente construída na época de Sula (138-78 a.C.), e a "importante posição da cidade sem dúvida impediu sua decadência enquanto o Império do Ocidente subsistiu" (Bunbury, 1854, p. 1104). Estava estrategicamente localizada, dominando a passagem da Via Ápia e de um estreito desfiladeiro, e sua posição na Via Ápia, que "aqui toca primeiro o mar" (Strabo, v. 3.6), contribuiu muito para sua prosperidade. Além dessas vantagens naturais, Bunbury (1854) também menciona a existência de fontes minerais muito frequentadas nas proximidades de Terracina, e Stillwell aponta que "numerosas casas de campo foram construídas nas proximidades, uma prova da atratividade do local" (Stillwell, 1976, p. 882).

Os **volscos** eram um povo indo-europeu, falantes de um dialeto não muito distante do latim, que habitavam a parte central da Península Itálica e foram conquistados pelos romanos em 338 a.C. Na maior parte do livro XI da *Eneida*, Virgílio narra os feitos da guerreira Camilla, filha do rei dos volscos, que lutou contra o príncipe troiano Enéas, o ancestral mitológico da nação romana.

No entanto, tanto literal quanto figurativamente, parece que a cidade decaiu com o passar do tempo e, por volta do século II d.C., espalhou-se ao pé da montanha, onde foram encontradas ruínas romanas de três aquedutos, um anfiteatro e três termas, além dos restos de um porto volsco. As ruínas mais impressionantes de Terracina, no entanto, são as colossais subestruturas, compostas por doze arcos maciços em *opus incertum*, que coroam a colina com vista para o mar e pertencem ao templo do jovem deus Júpiter Anxur. Uma escadaria levava a

um pórtico profundo, com seis colunas na frente e quatro nas laterais, e sua cela, quase quadrada, tinha seis colunas coríntias engastadas nas paredes externas.

Esse templo, assim como grande parte da acrópole, data do início do século I a.C. A área do *forum* ainda conserva seu antigo pavimento, e as torres imponentes, bem como um portão das muralhas da fortificação, também estão preservadas. O vestígio mais bem preservado é um templo em ***opus reticulatum***, com quatro colunas na fachada e três naves. Data de 40 a.C. e foi identificado como o **Capitólio**, devido à sua nave tripla. Há também vestígios de um templo, provavelmente, de Minerva, algumas evidências de um teatro e de um arco de pedra que ficava no local onde a Via Ápia, tendo atravessado a cidade como seu ***decumanus maximus***, partia em direção à Campânia.

Capitólio, em geral, era um templo dedicado à tríade capitolina, contendo uma cela central dedicada a Júpiter e duas laterais, uma dedicada a Juno e outra a Minerva. O nome se origina do primeiro templo dedicado à tríade, o templo de Júpiter Ótimo Máximo, ou templo de Júpiter Capitolino, construído no século VI a.C. no alto do monte Capitolino, em Roma.

Decumanus maximus, rua longitudinal principal de um acampamento ou cidade romana, geralmente indo do portão no meio de uma muralha até o portão oposto (Bray e Trump, 1984, p. 75).

Opus reticulatum é um termo vitruviano para descrever o padrão de diamante de pedras quadradas, usadas como revestimento decorativo para um núcleo interno de cimento bruto (Whitehouse, 1988, p. 75).

Figura 8: Ruínas do templo de Júpiter Capitolino

Fonte: Pexels. Disponível em: https://www.pexels.com/photo/ancient-roman-ruins-in-sunlit-rome-34636637/. Acesso em: 15 jul. 2026.

Aqui, Mecenas, Cocceius e Capito Fonteius juntam-se a Horácio e seu amigo Heliodoro[15]. Em toda a sátira, entretanto, esta é a única informação sobre a missão diplomática – e, diga-se de passagem, a razão única para a viagem da comitiva de Mecenas – que o poeta transmite em apenas dois versos lacônicos:

...missi magnis de rebus uterque
Legati, aversos soliti componere amicos. (28-29)

...ambos enviados como emissários em assuntos importantes, acostumados a reconciliar amigos aversos.

Os "amigos" aqui mencionados eram Otaviano e Marco Antônio, e a tarefa de reconciliação a que estavam "acostumados" se refere ao Tratado de Brundísio, efetuado por Mecenas e Cocceius, em 40 a.C., pelo qual Marco Antônio recebeu Otávia, irmã de Otaviano, como sua esposa, e os domínios de Roma foram divididos entre as duas partes.

Embora Horácio não transmita nenhuma informação sobre a estadia em Terracina, pode-se inferir que eles passaram a noite nessa cidade, pois a distância total percorrida no próximo trecho é de 26 milhas, a maior distância percorrida

15 G. Mecenas era amigo de confiança, conselheiro e agente diplomático de Otaviano, o futuro imperador Augusto; L. Cocceius Nerva, *cônsul suffectus* (nomeado para preencher uma vaga durante o mandato regular) em 39 a.C., era o bisavô do futuro imperador Nerva; e Capito Fonteius, cônsul em 33 a.C., era um amigo e partidário de Marco Antônio, a quem, posteriormente, acompanhou até a Síria, de onde foi enviado em missão a Cleópatra (Rolfe, 1901, p. 197).

pela comitiva em um dia até agora, exceto por uma milha extra entre Aricia e Forum Appii.

A próxima parada é Fundi, a meio caminho entre Terracina e Formiae. Aqui, um presunçoso funcionário público, carregando um incensário e vestindo uma *toga praetexta* – uma túnica branca com bordas roxas e usada pela classe alta de magistrados – e uma túnica com uma larga faixa roxa, o *latus clavum*, peculiar aos senadores, veio ao seu encontro:

Praetextam et latum clavum prunaeque vatillum (36).

Vestindo uma túnica com faixa roxa e com uma panela de brasa viva.

A prunaeque vatillum, "uma panela de brasa viva", era levada perante os magistrados superiores em ocasiões solenes, com o propósito de queimar perfumes em honra aos deuses, já que os romanos estavam acostumados a não realizar nenhum ato importante sem uma oferta prévia aos deuses (Anthon, 1854, p. 451).

Fundi recebeu uma colônia de veteranos sob Augusto e, assim como Terracina, beneficiou-se de sua localização na Via Ápia. Foi uma cidade próspera em todo o Império Romano. A moderna cidade de Fondi ainda se mantém no local da antiga Fundi, e consideráveis vestígios de antiguidade – dos quais o mais bem preservado é um portão ladeado por torres com uma parte das muralhas adjacente, construído em grandes blocos poligonais de calcário local,

mas amplamente reconstruído em *opus incertum* no século I a.C. – foram encontrados no local. Outras ruínas incluem uma terma parcialmente escavada, vários túmulos monumentais ao longo da Ápia, nas vizinhaças da cidade, e muitas casas de campo (Bunbury, 1854, p. 919; Stillwell, 1976, p. 339).

Imitando o modo formal romano de marcar eventos por meio de **consulados**, Horácio, certamente por zombaria do pretensioso funcionário provinciano, Aufidus Luscus, anuncia, majestosamente, sua partida de Fundi:

O **consulado** era a mais alta magistratura durante a República. Dois cônsules, que compartilhavam o poder executivo e militar, comandando os exércitos e presidindo o Senado, eram eleitos, anualmente, para um único mandato, e seus nomes constavam na fórmula inicial de toda documentação oficial ("No consulado de ... e ..."), hoje usada para datação dos documentos oficiais do período republicano.

Fundos Aufidio Lusco praetore libenter Linquimus,
(34-35)

Na pretoria de Aufidus Luscus, alegremente, deixamos Fundi,

Horácio pode ter usado o título de pretor por razões métricas, ou simplesmente por pura zombaria, pois não havia pretoria fora de Roma, e o pretor era um alto magistrado nomeado para administrar a justiça que, enquanto os cônsules estavam ausentes, exercia suas funções dentro da cidade e, às vezes, até comandava os exércitos de Roma (Anthon, 1862, p. 81).

In Mamurrarum lassi deinde urbe manemus. (37)

Então, cansados, ficamos na cidade de Mamurra.

Mamurrarum urbe refere-se à cidade de Formia, moderna Mola di Gaeta, e a alusão é a **Mamurra**, que era natural da cidade e era também o malandro favorito de Júlio César[16]. Formia parece ter prosperado até sua destruição pelos Sarracenos, em 859. Sua prosperidade se devia à sua localização na Via Ápia e, sobretudo, à extrema beleza de sua paisagem, que a tornou um local predileto de férias durante a época romana. A sequência ininterrupta de ruínas de vilas, que se estende daqui até Gaeta, a 19 quilômetros de distância, atesta a antiga riqueza de Formia. Dentro da cidade, foram encontrados os restos do teatro e do anfiteatro, bem como algumas muralhas (Stillwell, 1976, p. 334). Entre os muitos que possuíam *villas* em Formia, estavam Murena e Capito, como continua Horácio, no verso 38:

Mamurra serviu sob Júlio César, na Gália, como *praefectus fabrorum*, prefeito dos artífices, que era o oficial encarregado dos engenheiros e artesãos no exército romano. Era o oficial responsável pela engenharia militar, supervisionando as atividades relacionadas à construção, equipamentos e manutenção de um acampamento militar.

16 Enquanto servia na Gália, região atual da França e partes da Bélgica e Suíça, Mamurra adquiriu grande riqueza, não pelos meios mais honestos, ao que parece. Ele é esfolado pelo poeta Catulo em alguns de seus epigramas (Anthon,1862, p. 451-452).

MURENA PRAEBENTE DOMUM, CAPITONE CULINAM.

Murena nos ofereceu hospedagem; Capito, alimentação.

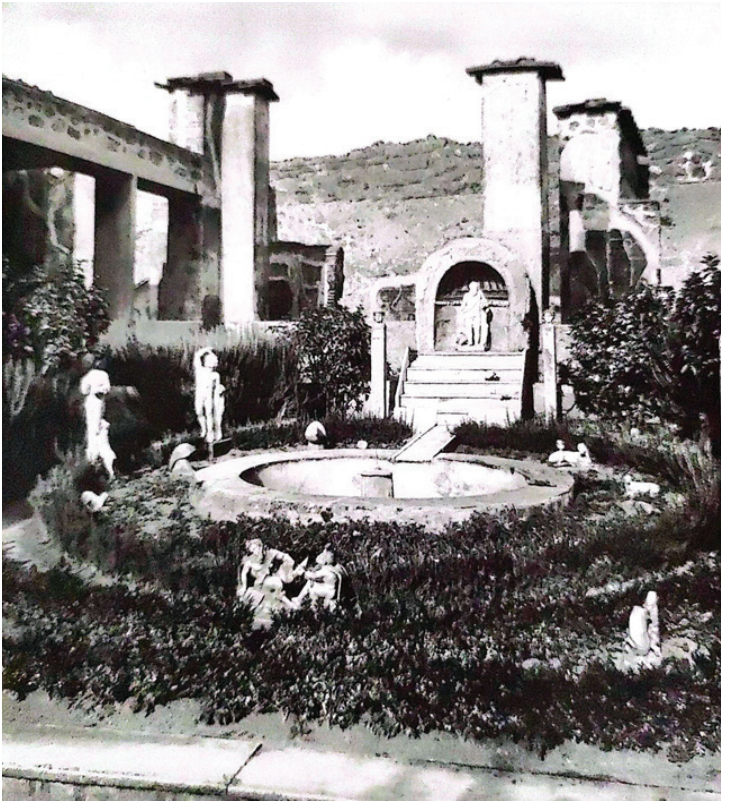
Os romanos ricos mantinham *villas* (Figura 9) – casas de campo – por toda a Itália para suas viagens e também para seu lazer. Dois tipos de vilas são mencionados por escritores romanos: a *villa rustica*, ou casa de fazenda, e a *villa urbana* ou *pseudo-urbana*, um casarão, no campo ou nos arredores de uma cidade (Anthon, 1862, p. 373). As casas que pontilhavam as margens de Formia, incluindo as de Murena e Capito, provavelmente, pertenciam ao tipo descrito por Casson (1974, p. 141), segundo o qual a localização e a disposição delas, à beira-mar, eram determinadas pela vista para o mar.

Figura 9: Vila de Lucretius Fronto, em Pompeia

Fonte: Wheeler (1964, p. 143, foto 126).

O estilo preferido era o de uma casa com pórtico, que consistia basicamente em um longo alpendre com vista para o mar, para o qual se abriam uma série de quartos lado a lado; cada quarto, portanto, oferecia vista para o mar. Uma grande vila podia ter quatro ou cinco níveis desses alpendres, um acima do outro. Por dentro, eram ornamentadas com elaboradas pinturas murais e, por fora, com belos jardins (Figura 10).

Figura 10: Jardim da casa de M. Lucretius, em Pompeia



Fonte: Ling (1986, p. 729).

Os romanos consideravam um dever honroso receber hóspedes ilustres, e uma pessoa ligada a um romano pelos laços

de hospitalidade era considerada ainda mais sagrada e tinha maiores direitos sobre o anfitrião do que aquela ligada por sangue ou afinidade. A hospitalidade era estabelecida entre indivíduos por meio de presentes mútuos ou pela mediação de uma terceira pessoa, e era consagrada pela religião sob a égide de *Jupiter Hospitalis*. Sua violação era vista como uma grande impiedade (Anthon, 1862, p. 388-389). A literatura latina fornece muitos exemplos da visão dos romanos sobre a hospitalidade, bem como de sua prática, como, por exemplo, no verso de Horácio citado acima (38) e também no verso 50, mencionado adiante[17].

No dia seguinte, o grupo chegou a Sinuessa, onde encontraram Plotius, Varius e Virgílio[18], os últimos a se juntarem ao grupo de Mecenas nessa jornada.

Postera lux oritur multo gratissima; namque
Plotius et Varius Sinuessae Vergiliusque
Occurrunt (39-41)

Na manhã seguinte, o amanhecer foi muito bem-vindo, pois Plotius, Varius e Virgílio vieram nos encontrar em Sinuessa

Sinuessa ficava a dezoito milhas ao sul de Formia, na fronteira entre o Lácio e a Campânia (Strabo, V.3.4). Sinuessa

17 Por exemplo, segundo Lívio (I.1), "Enéias e Antenor foram poupados de todas as penas de guerra pelos Aqueus, devido a uma antiga reivindicação de hospitalidade..." e, segundo Cícero (1961), "É mais do que apropriado que as casas de homens ilustres estejam abertas a hóspedes ilustres. E é também um mérito do nosso país que homens do exterior não deixem de encontrar hospitalidade desse tipo em nossa cidade."

18 Refere-se a Virgílio, a M. Plotius Tucca e a L. Varius, que editou a *Eneida* após a morte de Virgílio (Rolfe, 1901, p. 198).

foi fundada como colônia romana em 296–295 a.C., no início do século III a.C., conforme a documentação do Ministero della Cultura sobre o sítio arqueológico.

Assim como as outras cidades da Via Ápia mencionadas até agora, Sinuessa também prosperou, devido à sua localização na importante estrada. Suas ruínas, espalhadas perto da moderna vila de Mondragone, incluem um aqueduto, vestígios de um arco triunfal e outros numerosos fragmentos. Perto de Sinuessa, no sítio arqueológico chamado "I Bagni", encontram-se os restos de *Aquae Sinuessanae*, uma fonte termal, famosa na época romana por suas propriedades curativas (Pratilli, 1745, p. 243).

Em Sinuessa, a Via Ápia finalmente abandonava a costa do Mar Tirreno e, seguindo para o interior em direção a Cápua, passava pela estação da Ponte Campaniana (Strabo, V.3.6: *Pons Campanus*), onde Horácio relata:

> Proxima Campano ponti quae villula, tectum
> Praebuit, et parochi quae debent ligna salemque ...
> (45-46)
>
> *Perto da Ponte Campaniana, a estação do correio nos abrigou, e os oficiais provinciais nos proveram lenha e sal...*

A Ponte Campaniana, situada a nove milhas de Sinuessa, perto do local hoje conhecido como Al Molino delli Monaci, atravessava o pequeno rio Savo, o atual Saône. Conforme Pratilli (1745, p. 243-244), foi construída

com grandes blocos de pedra quadrados, provavelmente ao mesmo tempo em que a estrada. A estação de correios, referindo-se, historicamente, a um ponto de troca de cavalos e entrega de correspondência, ficava na décima milha.

Os *parochi* eram oficiais provinciais que forneciam suprimentos aos magistrados em viagem. Segundo Anthon (1854, p. 452), antes do consulado de Lúcio Póstumo, os magistrados de Roma viajavam às custas do Estado, sem onerar as províncias. Posteriormente, porém, a *Lex Julia, de Provinciis*, determinou que as cidades pelas quais qualquer funcionário público, ou qualquer indivíduo empregado nos negócios do Estado, passasse, deveriam fornecer a ele e à sua comitiva lenha, sal, feno e palha; em outras palavras, hospedagem e alimentação[19].

Hinc muli Capuae clitellas tempore ponunt.
Lusum it Maecenas, dormitum ego Vergiliusque;
(47-48)

Daqui as mulas deixaram suas cargas
a tempo, em Cápua.
Mecenas foi se exercitar, enquanto
Virgílio e eu dormíamos;

Da Ponte Campaniana, chegaram a Cápua, a dezessete milhas de distância. Desde sua origem, como uma

19 Anthon, entretanto, não diz quando Lúcio Póstumo foi cônsul e, consequentemente, a data da Lei Júlia. T. Broughton, em *The Magistrates of the Roman Republic* (1951, p. 253, 407, 449), lista três cônsules com o mesmo nome, cujas datas são 251 a.C., 173 a.C. e 154 a.C.

Os **Samnitas** eram falantes de osco, uma língua indo-europeia do ramo itálico, e habitavam o Sâmnio, na região dos Apeninos, entre o sul de Roma e o norte da Lucânia. Foram conquistados pelos romanos, em 290 a.C., após três sangrentas guerras, de 343 a 290 a.C.

cidade etrusca no século VII a.C., Cápua foi marcada por revoltas quase constantes, destruições em massa e mudanças violentas. Foi conquistada pelos **Samnitas**, por volta de meados do século V a.C., severamente, punida por Roma, em 211 a.C., por sua aliança com Aníbal, na Segunda Guerra Púnica, e destruída pelos Vândalos em 456 d.C.

Cápua, no entanto, ressurgiu várias vezes e foi uma cidade poderosa e opulenta ao longo de sua história, até ser completamente destruída pelos Sarracenos, em 840. Foi então abandonada, e seus habitantes se estabeleceram no local da antiga Casilinum, a moderna Cápua. A antiga cidade foi construída três milhas ao sul, em meio a uma vasta e fértil planície, onde hoje se encontra Santa Maria Cápua Vetere (Bunbury, 1854, p. 510-512).

Entre os vestígios existentes de Cápua, encontram-se algumas partes das muralhas com dois de seus portões, dois santuários, o Mitreu – templo dedicado ao deus Mitra, de origem persa – um arco honorário com três abóbadas de tijolos na Via Ápia, termas e dois túmulos monumentais, além de residências particulares, túmulos, complexos termais e vilas suburbanas dos períodos samnita e romano. Apenas algumas ruínas do

teatro foram encontradas, mas ainda é possível datá-lo, pelo menos, ao século II a.C. Por outro lado, as ruínas do anfiteatro, datado do século II d.C., são extensas e mostram que deve ter sido uma das estruturas mais magníficas do gênero existentes na Itália (Stillwell, 1976, p. 195).

Hinc nos Coccei recipit plenissima villa, Quae super est Caudi cauponas ... (50-51)

Daqui, recebeu-nos a bem abastecida vila de Cocceius, que se ergue acima das hospedarias de Caudium...

Caudium era uma cidade de Sâmnio, situada a 34 quilômetros de Cápua e a 18 quilômetros de Benevento. O local é famoso por uma passagem próxima, conhecida como "Garfo Caudino", onde, em 321 a.C., durante a Segunda Guerra Samnita, o exército romano sofreu o que talvez tenha sido o pior desastre de sua história (Lívio, IX. 2-6). A identificação da cidade foi objeto de propostas distintas: Pratilli (1745, p. 390) associou-a a Arpaja, e Desjardins (1855, p. 206), a Monte Sarchio. A documentação arqueológica hoje apresentada pelo Museo archeologico nazionale del Sannio Caudino situa Caudium em Montesarchio e reúne testemunhos materiais de sua história. A identificação da cidade deve ser distinguida da discussão sobre a localização exata das Forcas Caudinas.

Na vila de Cocceius, os viajantes assistiram, durante o jantar, a uma disputa de troças entre Sarmento,

ligado à casa de Mecenas, e Méssio Cicirro. Ao relatar o evento, o poeta faz alusões aos costumes romanos:

> Pastorem saltaret uti Cyclopa rogabat;
> Nil illi larva aut tragicis opus esse coturnis. (63-64)"
>
> *Ele lhe implorou que dançasse como um pastor-ciclope, pois não precisaria nem de máscara nem das botas da tragédia.*

A alusão é às pantomimas romanas, uma espécie de exibição dramática em que os peronagens, ora ridículos, ora graves (mais comumente os primeiros), eram representados por gestos e danças, sem palavras (Anthon, 1862, p. 453). Um coturno, uma bota de cano alto, que se elevava acima do meio da perna, e de salto alto, era usada pelos atores trágicos para parecerem mais altos. Na comédia, porém, usava-se um sapato baixo. Quanto à máscara, ela era usada em quase todas as representações dramáticas. Geralmente, as máscaras, que também tinham cabelo preso a elas, cobriam toda a cabeça até os ombros e eram concebidas de forma a servir como uma espécie de trombeta, tornando a voz do ator sonora e potente. Assim, as bocas nas antigas máscaras teatrais sempre aparecem abertas ou entreabertas. O uso de máscara teve origem no costume de pintar o rosto com cores e de aparecer disfarçado nos festivais de Baco, nos quais o drama se originou (Anthon, 1862, p. 220-221).

...DONASSET IAMNE CATENAM
EX VOTO LARIBUS, QUAEREBAT; (65-66)

Ele perguntou se ele já havia dedicado sua corrente aos Lares, conforme seu juramento;

O indivíduo a quem a pergunta se dirige havia sido escravo. No entanto, geralmente, os escravos, ao serem libertados, não consagravam seus grilhões aos Lares, as divindades domésticas, mas parece que o faziam a Saturno, em alusão à ausência de escravidão e à igualdade de condições sociais que prevaleciam na Idade de Ouro, a era mitológica edênica regida por esse deus. Não obstante, assim como os jovens romanos de boas famílias, ao atingirem a idade de dezesseis anos e vestirem a toga viril, costumavam consagrar suas *bulae* – um pequeno botão de ouro que usavam pendurado no pescoço – aos Lares (Anthon, 1862, p. 284), também um "escravo fugitivo do grupo de prisioneiros poderia, jocosamente, ser considerado como oferecendo sua corrente" (Rolfe, 1901, p. 200).

Além disso, geralmente, apenas escravos fugitivos, ou que tivessem incorrido na ira do senhor por alguma ofensa, eram acorrentados. No entanto, os escravos não eram considerados pessoas, não podiam contrair matrimônio, suas ofensas eram punidas com severidade e, frequentemente, com a maior barbárie. Seu principal alimento era o trigo – *far* – do qual lhes eram concedidos quatro ou cinco

modii[20] por mês, ou uma libra romana por dia (Anthon, 1862, p. 148-149). Assim, Horácio diz, nos versos 68-69:

...satis una
Farris libra foret, gracili sic tamque pusillo. (68-69)

...seria suficiente um quilo de trigo, para uma criatura tão magrela e franzina.

Tendimus hinc recta Beneventum, ubi sedulus hospes
Paene macros arsit dum turdos versat in igni;
Nam vaga per veterem dilapso flamma culinam
Volcano summum properabat lambere tectum. (71-74)

De lá, seguimos direto para Benevento, onde nosso atencioso anfitrião quase incendiou a casa ao tentar virar alguns tordos magros sobre o fogo. Pois o fogo escapou, e a chama errante subiu apressadamente pela velha cozinha, lambendo o alto teto.

20 O modius era uma medida romana de volume, estimada em cerca de 8,73 litros. A libra romana era uma medida de massa de aproximadamente 327 gramas. A conversão de uma quantidade de cereal em modii para libras depende da massa do cereal por unidade de volume.

Tendimus hinc recta Beneventum, ubi sedulus hospes
Paene macros arsit dum turdos versat in igni;
Nam vaga per veterem dilapso flamma culinam
Volcano summum properabat lambere tectum. (71-74)

De lá, seguimos direto para Benevento, onde nosso atencioso anfitrião quase incendiou a casa ao tentar virar alguns tordos magros sobre o fogo. Pois o fogo escapou, e a chama errante subiu apressadamente pela velha cozinha, lambendo o alto teto.

Benevento era uma das principais cidades de Sâmnio, anteriormente chamada de Malventum ou Maleventum. No entanto, como os romanos não toleravam tal descrição para algo que decidiam adotar, mudaram o nome para o mais auspicioso Benevento, quando a cidade se tornou possessão latina, em 268 a.C. Tornou-se um município por volta de 90 a.C. e foi elevada à categoria de colônia em 42 a.C. Benevento sempre foi uma cidade importante e grande, situada, aproximadamente, a meio caminho entre Roma e Brundísio, no centro da rede de algumas das estradas mais importantes da península.

A Benevento moderna conserva muitos vestígios de sua antiga grandeza, sendo o mais notável o arco triunfal de Trajano, consagrado em 114 d. C. (Figura 11). Construído em mármore de Paros e adornado com baixos-relevos, representando os feitos do imperador, ele forma um dos portões da cidade, a Porta Áurea, por onde a Via Trajana deixava a cidade. Além disso, existem os restos do teatro construído por Adriano (117-138 d.C.), uma pequena parte das muralhas

da fortificação, as ruínas de um grande edifício que pode ter sido um balneário, uma estátua de Ápis e um obelisco de um templo de Ísis, bem como duas pontes ainda de pé (Stillwell, 1976, p. 149).

Figura 11: Arco de Trajano, em Benevento

Fonte: Rostovtzeff (1927, p. 238, foto XLVIII).

Retomando os últimos versos (71-74), neles se pode ler, além de se ler também em diversas passagens de autores antigos, algo que faz parecer que os romanos desconheciam o uso de chaminés, e que incêndios em suas residências talvez fossem eventos comuns em suas vidas. Nesta sátira, também nos versos 81-82, Horácio refere-se, novamente, a esse fato:

...LACRIMOSO NON SINE FUMO,
UDOS CUM FOLIIS RAMOS URENTE CAMINO (80-81)

...não sem fumaça lacrimosa, Pois no fogão
queimavam galhos úmidos com folhas

Em *De Re Rustica*, Columela recomenda "uma cozinha grande e alta (*magna et alta culina)*, para evitar a possibilidade de as vigas pegarem fogo devido à lareira aberta" (Crane, 1969, p. 7, nota 12), e Becker relata que "muitos vestígios foram encontrados de braseiros e pias, mas nenhum de chaminés" (Becker, 1907, p. 265). A fumaça escapava pelas janelas, portas e aberturas no telhado. As edificações de melhor qualidade eram aquecidas não por lareiras, mas por meio de tubos embutidos nas paredes, que se comunicavam com um grande fogão, ou vários menores, construídos no solo sob o edifício (Anthon, 1862, p. 265).

Os viajantes aproximam-se agora da região da Apúlia, um lugar que guarda memórias da juventude de Horácio, e assim ele descreve poeticamente a sua paisagem:

Incipit ex illo montis Apulia notos
Ostentare mihi, quos torret Atabulus et quos
Nunquam erepsemus, nisi nos vicina Trivici
Villa recepisset. (77-80)

A partir daí, a Apúlia começou a me revelar suas conhecidas Montanhas, escaldantes pelo Siroco, pelas quais jamais teríamos rastejado se uma vila nos arredores de Trivicum não nos tivesse acolhido.

De fato, a região que eles estão atravessando é conhecida como *Puglia Pietrosa* – Apúlia Rochosa – "um planalto que se eleva a mais de 600 metros, mas com uma média de cerca de 365 metros, e que se estende do leste do Ofanto, aproximadamente, até a linha férrea entre Taranto e Brindísio", afirma D. Walker, em *A Geography of Italy* (1958, p. 190).

O Siroco, que o poeta chama pelo seu nome local, na Apúlia – "*Atabulus*" – é um vento seco que sopra poeira para o norte a partir do Saara, geralmente varrendo o sul da Itália e a Sicília, mas, às vezes, chegando até Roma, a uma velocidade superior a 100 km por hora, destruindo as flores e as vinhas em seu caminho (Nissen, 1883, vol. I, p. 386).

Em algum ponto da rota após Benevento, o grupo desviou-se da Via Ápia em direção aos Montes Apeninos.

Há muita controvérsia sobre o percurso que fizeram até Canúsio, bem como sobre a localização exata de sua segunda parada. Para Desjardins (1855, p. 216), eles seguiram pela Via Minúcia, que, para ele, é a mesma estrada que, posteriormente, é chamada de Trajana; Pratilli (1745, p. 511) acredita, igualmente, que foram por essa rota, identificada por Desjardins como a Trajana, que, no entanto, ele chama de Egnácia; Nissen (1883, vol. II, p. 847) afirma que seguiram por "uma estrada" (ao que parece, nem uma *via publica* nem possuindo um nome) que ia de Ásculo a Ordona; enquanto Ashby e Gardener declaram que:

> O poeta deixou a Via Ápia não em Benevento, mas em – ou um pouco além de – Aeclanum (a primeira estação, a 24 quilômetros de Benevento) e, atravessando a cordilheira dos Apeninos pelos convenientes vales do Fiumarella e do Calaggio, alcançou o traçado da estrada descrita por Estrabão, em algum lugar entre Ordona e Canúsio... A estrada de Horácio entre Aeclanum e a planície norte da Apúlia foi transformada, na época imperial, na Via Aurélia Aeclanensis, enquanto a estrada descrita por Estrabão tornou-se, em 109 d.C., a famosa Via Trajana (Ashby; Gardener, 1916, p. 111).

Trivicum é, provavelmente, a vila moderna de Trevico, situada em um cume a 1.090 metros acima do nível do mar, na fronteira entre Sâmnio e Apúlia. Pratilli (1745, p. 507) relata algumas ruínas não especificadas de edifícios romanos, bem como vestígios do pavimento da antiga estrada nesse local. Contudo, a localização exata da vila onde se hospedaram é desconhecida, visto que *vicina* é uma "distância", digamos, variável.

Ao sair do local, Horácio relata:

"Quattuor hinc rapimur viginti et milia raedis,
Mansuri oppidulo, quod versu dicere non est,
Signis perfacile est: venit vilissima rerum
Hic aqua, sed panis longe pulcherrimus. (86-89)

Dali fomos levados por vinte e quatro milhas romanas, cerca de 35,5 quilômetros em carruagens, até pararmos em uma vila cujo nome não pode ser dito em verso embora seja muito fácil de descrever por meio de pistas: aqui se vende água, a coisa mais insignificante que existe, mas o pão é de longe o melhor.

Embora Horácio mencione a distância entre a vila vizinha a Trevico e o *oppidulum* "não versificável", a identificação dessa última também permanece indeterminada, visto que a medição da distância está condicionada à localização incerta da primeira. Para Pratilli (1745, p. 511), a vila cujo nome não cabe no verso é Equotutico, que ele situa no local da atual vila de Cornito, entre Trevico e Canúsio, próximo ao trajeto da Via Trajana, a alguma distância a nordeste do local indicado por Ashby e Gardener.

O trajeto da **Via Trajana** descrito por Pratilli também difere um pouco do traçado por Ashby e Gardener (1916, p. 120-155), pois eles têm a Via Trajana partindo de Benevento e passando por

A **Via Trajana** (ou Via Traiana) somente foi construída em 109 d.C., pelo imperador Trajano, para encurtar o trajeto entre Benevento e Brundísio – passando por Canúsio e Bário e servindo como uma alternativa mais rápida à Via Ápia – com o objetivo de facilitar o comércio e viagens para o leste. Consulte no Mapa 2.

Equotutico, Aecae (moderna Troia) e Ordona, em seu caminho para Canúsio, enquanto Pratilli (1745, p. 506-514) a faz divergindo da Via Ápia em Aeclanum – e quase seguindo a rota que, para Ashby e Gardener, é a Via Aurélia Aeclanensis – passa perto de Equotutico (que, conforme sua identificação, é Cornito) até, finalmente, encontrar a rota da Trajana traçada por Ashby e Gardener na Ponte di Canosa, uma ponte sobre o Ofanto, situada a oeste de Canúsio. As bases de Pratilli para identificar Equotutico como o *oppidulum* que não pode ser mencionado por Horácio residem na má qualidade da água, bem como no pão branco e saboroso do local, além de seu antigo nome de Scotuccio e nas antigas ruínas de Cornito, as quais ele não especifica. Pratilli (1745, p. 511) também associa sua proposta de percurso, por Trevico, a ponte de Candela, Cornito e a ponte de Canosa, à distância de 24 milhas mencionada por Horácio. Adotando a milha romana de aproximadamente 1,48 km, essa distância equivale a cerca de 35,5 quilômetros. Horácio, porém, deixa claro que as 24 milhas de distância referem-se à não identificada vila vizinha a Trevico, não a Trevico, especificamente, além de que a própria localização de Equotutico também é questionada. Assim, considerando o que foi discutido acima sobre a não identificação, e consequente não localização, tanto da vila vizinha a Trevico como da vila cujo nome não cabe no verso, essa medição de Pratilli torna-se invalidada.

Nissen (1883, vol. II, p. 845) tem uma abordagem bastante "esclarecida", se não "iluminada", sobre a questão: "Ásculo é o *oppidulum* que não pôde aparecer no verso devido à brevidade da segunda sílaba", ou seja, segundo ele, a métrica do verso exigiria uma vogal longa na segunda sílaba. Ashby e Gardener citam diversas opiniões sobre o assunto sem, nesse caso, apresentarem as suas próprias conclusões. No entanto, eles negam a possibilidade de ser Equotutico ou Ásculo, já que a vizinhança

do local onde situam a primeira é repleta de nascentes, e Ásculo, como afirmam, "fica em uma colina elevada, a três ou quatro milhas ao norte da linha direta do vale de Calaggio para Cerignola ou Canosa, e nenhuma estrada antiga teria acesso a Ásculo" (1916, p. 109-110).

Bischoff (1880) também não apresenta nenhuma sugestão quanto à identificação do *oppidulum,* todavia ele também rejeita a identificação com Equotutico, que, para ele, está localizada muito distante da estrada, estrada essa que ele não especifica. Citando, especificamente, a conjectura de Walckenaer e Krueger, Bischoff (1880, p. 24) afirma que Ásculo não é totalmente impossível na metrificação, já que o nome poderia ser contraído para Asclum. Contudo, se Ásculo é o *oppidulum* cogitado por Horácio, Bischoff não o deixa evidenciado. Portanto, ao que parece, esse *oppidulum* embora "muito facilmente descrito por pistas", não é tão facilmente identificado, ao menos não depois de dois mil anos.

Da misteriosa vila, "onde a água é escassa, mas o pão é o melhor", a comitiva chega a Canúsio, onde sua sorte é pior, pois o lugar carece tanto de água quanto de pão. Assim, reclama o poeta:

"Nam Canusi lapidosus, aquae non ditior urna,
Qui locus a forti Diomede est conditus olim (91-92).

Pois o pão de Canúsio é pedregoso e nem um jarro d'água que se preste, no lugar que outrora foi fundado pelo bravo Diomedes

As alusões de Horácio à escassez de água nesses lugares encontram respaldo na geografia da região. De fato, a Apúlia – a região onde Canúsio está localizada – é muito árida, em consequência da baixa pluviosidade e da ausência de rios perenes, e a composição da camada superficial do solo da região dificulta a exploração de seus aquíferos subterrâneos (Walker, 1958, p. 189).

Canúsio, a moderna Canosa di Puglia, situada na margem direita do rio Ofanto, foi uma das cidades mais importantes da antiga Apúlia (Stillwell, 1976, p. 192). Sua prosperidade devia-se ao comércio, à produção de lã e à sua posição na planície ao sul do rio Aufido[21] e, como relata Estrabão (V.3.9), possuía um entreposto comercial às margens do rio, a 90 estádios de sua foz[22]. Uma lenda local contava que a cidade fora fundada por Diomedes, um herói grego da Guerra de Troia.

Conforme Stillwell (1976, p. 193), "sua origem grega parece ser confirmada por recentes descobertas arqueológicas, bem como pela cunhagem de moedas com a legenda em grego, idioma ainda falado na época de Augusto". Canúsio tornou-se uma colônia durante o reino do imperador Antonino Pio (138-161), época em que foi ampliada e provida de um aqueduto (Stillwell, 1976). No entanto, não há registros de

21 O Ofanto – *Aufidus*, cujo antigo nome vem do grego *ophidous (οφιδους)*, ou "serpente" – nasce na Campânia e flui através de Basilicata e da Apúlia, desaguando no mar Adriático.

22 O geógrafo grego Estrabão escreveu em grego, sendo estádio uma medida grega de comprimento. Um estádio mede entre 180-185 metros. O Aufido/Ofanto desagua no mar Adriático; mais precisamente, sua foz está localizada no Golfo de Manfredonia, nas proximidades da cidade de Barletta, o que situa a localização do entreposto a, aproximadamente, 16 km da moderna cidade de Barletta.

como os habitantes de Canúsio lidaram com a escassez de água por quase dois séculos, desde a visita de Horácio.

Vestígios romanos e helenísticos são encontrados em muitas construções da cidade moderna, e escavações recentes revelaram ruínas de fortificações, uma estrada romana, templos do final do período helenístico e um templo romano, banhos romanos e muitos monumentos funerários. A ponte que atravessa o rio Ofanto, a Ponte di Canosa, também data do período romano (Stillwell, 1976).

Nissen (1902, vol. II, p. 855) atribui a aspereza do pão de Canúsio ao desgaste das mós durante a moagem. No século XVIII, H. Swinburne também se queixou do pão encontrado em uma hospedaria perto da ponte sobre o Ofanto: descreveu sua cor muito escura e a textura arenosa, e lamentou não ter trazido pão de outro lugar. O viajante associou o problema à pedra das mós (Swinburne, 1783, vol. I, p. 166-167). A semelhança entre as queixas é sugestiva, mas não demonstra a continuidade da mesma técnica de moagem desde a época de Horácio.

Ao que parece, o trajeto de Horácio e de seus companheiros de Canúsio até a parada seguinte não apresentou melhoras, pois o dia estava excepcionalmente chuvoso na "sedenta Ap*ú*lia"[23]. Assim se queixa o poeta:

Inde Rubos fessi pervenimus, utpote longum
Carpentes iter et factum corruptius imbri. (94-95)
Então, exaustos, chegamos a Rubi, pegando um trajeto longo e ainda mais agravado pela chuva.

23 "Árida, sedenta Apúlia", diz Horácio na *Epodes* III.16.

Rubi é a moderna Ruvo, situada a 37 quilômetros de Canúsio e a 16 quilômetros da costa do mar Adriático (Bunbury, 1854, p. 856). Segundo Stillwell (1976, p. 774), "a cidade teve certa importância durante o período romano, particularmente após a construção da Via Trajana, da qual se tornou uma estação". Não há relatos de vestígios de construções romanas em nenhuma das fontes consultadas, mas Stillwell (1976, p. 774-775) e Bunbury (1854, p. 856) mencionam a importância de Rubi na antiguidade, a julgar pela riqueza de evidências arqueológicas encontradas em sua necrópole. Entre elas, pinturas tumulares, belas joias e uma vasta quantidade de cerâmica grega importada.

Na etapa seguinte da viagem, Ashby e Gardener (1916, p. 162) afirmam que:

> Após chegar a Ruvo, Horácio seguiu o traçado da posterior Via Trajana até Bário e Egnatia, mas a estrada descrita por Estrabão tinha um percurso um pouco mais curto e, entre Ruvo e Egnatia, passava por Célia e Nécio. Esta era uma rota mais direta, e podemos conjecturar que a Via Trajana só foi utilizada até Bário devido à importância da cidade como porto.

O poeta, porém, conciso como sempre, diz apenas:

Postera tempestas melior, via peior ad usque
Bari moenia piscosi (96-97)

No dia seguinte, até as muralhas da piscosa Bari,
pegamos o tempo melhor, mas a estrada pior

Situada a 37 quilômetros de Rubi, a moderna Bari preserva o nome da antiga Barium. "Piscosa Bari" alude à sua localização na costa do Adriático, bem como à sua extensa atividade pesqueira. Barium, no entanto, era somente uma cidade municipal, comum durante a época romana, preservada da decadência apenas devido à sua posição na Via Trajana e ao seu porto. Stillwell (1976, p. 143) e Bunbury (1854, vol. I, p. 379) registravam a ausência de vestígios da cidade romana. Pesquisas posteriores ampliaram esse quadro: a documentação da Soprintendenza de Bari registra, sob o Palazzo Simi, estruturas de um edifício romano imperial do século I d.C.

A aproximadamente 60 km adiante, o grupo chegou à Gnathia ou Egnatia, seu último local de parada:

> ... dein Gnathia lymphis
> Iratis exstructa dedit risusque iocosque,
> Dum flamma sine tura liquescere limine sacro
> Persuadere cupit. (97-100)
>
> *Então Egnatia, construída entre as iradas ninfas, provocou risos e zombarias, querendo nos convencer de que o incenso derrete sem chama no sacro limiar.*

Egnatia foi uma cidade próspera no período romano, especialmente durante os primeiros séculos do Império, devido à sua localização na principal rota de trânsito do Oriente, tendo sido destruída e abandonada no início da Idade Média[24]. Passando por um portão ainda visível em

24 Todas as informações referentes à Egnatia têm como referência Stillwell (1976, p. 358).

tempos modernos, a Via Trajana atravessava a cidade antiga, dividindo uma zona de edifícios públicos ao pé da acrópole de uma área de casas modestas do período romano (Stillwell, 1976, p. 358). As muralhas da cidade, construídas com grandes blocos de tufo e formando um retângulo perfeito, são pré-romanas, datadas entre os séculos IV/III a.C. Da mesma época é a acrópole, profundamente fortificada, situada no lado voltado para o mar. Entre a acrópole e a Via Trajana, havia um *forum* romano, cercado por um pórtico com colunas dóricas de calcário. Também existem vestígios de uma ágora helenística rodeada por pórticos, de um monumento com uma inscrição dedicatória a Cibele e de um trecho da Via Trajana. Túmulos suntuosos, pintados e mobiliados com vasos valiosos, foram encontrados em uma necrópole pré-romana.

O motivo da ira das ninfas é um tanto obscuro. Certamente não era por falta de água, pois Nissen (1883, vol. II, p. 860) afirma que o local é abundante em poços de fácil acesso, enquanto Pratilli (1745, p. 544), além da abundância de água doce e pura, relata que a Fontana di Agnazzo, localizada perto das muralhas da cidade, é a melhor do país.

Também obscura é a superstição dos egnacianos. Se o incenso, de fato, derretia sem fogo em Egnatia, as causas parecem desconhecidas. Não há relatos de atividade vulcânica no local, e a única referência antiga a esse fenômeno encontra-se em Plínio (*Naturalis Historiae* II. 107), cuja enciclopédia, no entanto, não é mais esclarecedora sobre o assunto do que o verso lacônico de Horácio[25].

Enfim, o grupo chegou ao seu destino, *Brundisium* – situada na costa do mar Adriático, a 61 quilômetros de

25 Plínio, simplesmente, relata o fenômeno sem fazer qualquer comentário.

Egnatia – uma das cidades mais importantes da Calábria, bem como um importante ponto de embarque para o Oriente. Seu nome deriva da configuração peculiar de sua baía bifurcada, cujo formato sugere os chifres de um cervo, e era chamada de "Brentesium" em messápio, o dialeto original da região (Estrabo VI.3.6). Brundísio tornou-se uma colônia latina em 244 a.C. e foi palco de numerosos incidentes históricos durante os últimos anos da República e sob os **triunviratos** (Bunbury, 1854, p. 445).

Triunviratos (<Lat. *triumviratus*) refere-se ao poder exercido, simultaneamente, por três indivíduos, com autoridade igual ou conjunta. Originou-se – durante a guerra civil, em Roma – das alianças políticas entre Júlio César, Pompeu e Crasso (Primeiro Triunvirato, 60-54 a.C.) e entre Otaviano, Marco Antônio e Lépido (Segundo Triunvirato, 43-31 a.C.).

A moderna Brindisi fica no local da cidade antiga, tornando-se ali difícil a realização de escavações em grande escala. Entre os seus escassos vestígios, ainda se ergue, no local onde terminava a Via Ápia, uma das duas colunas de mármore originalmente construídas (19 m de altura), com um capitel ricamente decorado com doze figuras mitológicas, e que, provavelmente, data do século I a.C. Outros vestígios incluem uma vila onde se diz que Virgílio morreu em 19 a.C., além de conter um grande reservatório, talvez da época de Trajano, e os vestígios de um aqueduto claudiano, bem como um complexo de banhos, uma cripta com pórtico e abóbada de arco e o *forum* (Stillwell, 1976, p. 170).

Segundo as fontes consultadas, os viajantes chegaram a Brundísio no 15º dia após sua partida de Roma, o que indica uma jornada de cerca de 560 quilômetros, com uma velocidade média de 40 quilômetros percorridos por dia, o

que certamente não representa um recorde de velocidade, nem mesmo na Antiguidade. Na época da Segunda Guerra Samnita – portanto, antes da construção da Via Ápia[26]– a rota Cáudio-Roma, de cerca de 240 quilômetros, "era uma viagem de apenas três dias para aqueles que viajavam com pouca bagagem" (Lívio IX.9); quase dois séculos antes da viagem de Horácio, Catão, o Velho, viajou de Brundísio ou Hidrunto, mais ao sul, até Roma, em cinco dias (Chevalier, 1976, p. 193). Considerando essas distâncias, Suetônio diz de César: "Ele percorreu estradas muito longas em uma carruagem, com uma velocidade incrível de 160 quilômetros em um único dia" (Becker, 1907, p. 350). Esses exemplos são, no entanto, casos extraordinários, portanto mais dignos de nota pelos antigos. As velocidades médias eram certamente muito menores, mas ainda assim a viagem de Horácio poderia ter sido feita entre seis a nove dias, de acordo com Rolfe (1901, p. 20).

Embora seja possível fazer uma tentativa razoável de reconstruir a rota e a velocidade dos viajantes, Horácio é, geralmente, bastante conciso ao transmitir informações. Ele está escrevendo uma sátira, não um guia ou um diário de bordo, portanto chegadas e partidas são, às vezes, completamente omitidas; os lugares onde se hospedaram são quase sempre esquecidos e as suas alusões às diversas cidades ao longo do caminho, frequentemente, enfatizam apenas seu caráter cômico. Assim, Forum Appi é "lotada de barqueiros e estalajadeiros patifes", Fundi tem um funcionário público insano, Canúsio distingue-se por seu pão pedregoso, enquanto Egnatia destaca-se por sua superstição local, o que culmina na conclusão do poeta:

26 Lembrando que a Segunda Guerra Samnita ocorreu entre 326-304 a.C., enquanto a construção da Via Ápia deu-se a partir de 312 a.C.

BRUNDISIUM LONGAE FINIS CHARTAEQUE VIAEQUE EST.
(104)

Brundísio está no fim de uma longa jornada e escrita.

Muito, muito longa, de fato.

No último verso, Horácio encerra, ao mesmo tempo, a viagem e seu relato. Ao relacionar a escrita ao caminho percorrido, ele faz de Brundísio o ponto final da jornada iniciada em Roma e também da sátira. Essa longa viagem, contudo, não é narrada em todos os detalhes, mas por meio dos lugares, encontros e contratempos que o poeta escolheu registrar.

Para o leitor de hoje, acompanhar esse percurso exige recuperar informações históricas, geográficas, arqueológicas e culturais que, provavelmente, eram familiares aos romanos. Essa contextualização permite compreender melhor o caráter cômico do relato e a maneira como Horácio deixou a importante missão diplomática em segundo plano para registrar os contratempos da viagem e os encontros entre amigos. Mesmo passados mais de dois mil anos, essas experiências continuam reconhecíveis e aproximam o leitor contemporâneo do mundo romano.

Referências

ANTHON, Charles. *Roman Antiquities*. New York: Harper & Brothers, 1862.

ANTHON, Charles. *Works of Horace*. New York: Harper & Brothers, 1854.

ASHBY, Thomas; GARDNER, Robert. The Via Traiana. Papers of the British School at Rome, v. 8, p. 104–171, 1916.

BECKER, W. *Gallus or Roman scenes of the time of Augustus*. London: Longmans, Green, and Co., 1907.

BISCHOFF, Albert. *De itinere Horatii Brundisino Commentatio*. Landavi Palatinorum: Typis Ed. Kaussleri, 1880.

BRAY, W.; TRUMP, D. *The Penguin Dictionary of Archaeology*. New York: Penguin Books, 1984.

BROUGHTON, T. *The magistrates of the Roman Republic*. New York: American Philological Association, 1951.

BUNBURY, Edward H. *Tarracina*. In: SMITH, William (ed.). Dictionary of Greek and Roman Geography. Boston: Little, Brown and Company, 1854. v. 1, p. 655.

BUNBURY, Rubi. *In: SMITH, William (ed.). Dictionary of Greek and Roman Geography*. Boston: Little, Brown and Company, 1854. v. 1, p. 856.

BUNBURY, Edward H. *Forum Appii*. In: SMITH, William (ed.). Dictionary of Greek and Roman Geography. Boston: Little, Brown and Company, 1854. v. 1, p. 907.

CASSON, Lionel. *Travel in the Ancient World*. London: George Allen & Unwin Ltd., 1974.

CHEVALLIER, Raymond. *Roman roads*. Tradução de N. H. Field. Berkeley: University of California Press, 1976.

CICERO. *De Officiis*. Trad. Walter Miller. The Loeb Classical Library. London: William Heinemann Ltd., 1961.

CRANE, T. Caveat viator: Roman country inns. Classical Bulletin, Saint Louis, v. 46, p. 6–7, 1969.

DESJARDINS, Ernest E. *A. Table explicative de la carte de Peutinger*. Paris: L. Hachette et Cie., 1855.

FIREBAUGH, William C. *The inns of Greece & Rome*. Chicago: Pascal Covici, 1928.

FRONTINO. *The stratagems and the aqueducts of Rome*. Tradução de Charles E. Bennett. Edição de Mary B. McElwain. London: William Heinemann; New York: G. P. Putnam's Sons, 1925. (Loeb Classical Library, 174).

HAGEN, Victor W. *von. The roads that led to Rome*. Cleveland: The World Publishing Company, 1967.

LANCIANI, Rodolfo. *The ruins and excavations of ancient Rome*. Boston: Houghton, Mifflin and Company, 1897.

LIVY. *History of Rome*. Tradução de B. O. Foster. Cambridge: Harvard University Press, 1962. v. 1 e 4. (Loeb Classical Library).

MAU, A. *Pompeii its life and art*. New Rochelle: Caratzas Brothers, 1982.

MINISTERO DELLA CULTURA. *Area archeologica di Sinuessa*. Roma: Ministero della Cultura, 2020. Disponível em: https://cultura.gov.it/luogo/area-archeologica-di-sinuessa. Acesso em: 15 out. 2026.

MINISTERO DELLA CULTURA. *Castello di Montesarchio e Museo archeologico nazionale del Sannio Caudino*. Roma:

Ministero della Cultura, 2026. Atualizado em: 7 set. 2026. Disponível em: https://cultura.gov.it/luogo/castello-di-montesarchio-e-museo-archeologico-nazionale-del-sannio-caudino. Acesso em: 15 out. 2026.

NIBBY, Antonio. *Viaggio Antiquario ne'Contorni di Roma*. Roma: Presso Vicenzo Poggiolo Stampatore Camerale, 1819.

NISSEN, Heinrich. *Italische Landeskunde*. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1883. v. 1: Land und Leute.

NISSEN, Heinrich. *Italische Landeskunde*. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1902. v. 2: Die Städte, 2 partes.

PICARD, Gilbert C. *Rome et les villes d'Italie des Gracques à la mort d'Auguste*. Paris: Société d'Édition d'Enseignement Supérieur, 1978.

PLINIUS SECUNDUS, C. *Naturalis Historiae Libri*. Vol. II. London: A. J. Valpy, 1824.

PRATILLI, Francesco M. *Della Via Appia riconosciuta e descritta da Roma a Brindisi*. Napoli: Stamperia Reale, 1745.

PRESSOUYRE, Sylvia. Rome au Fil du Temps. Paris: J. Cuénot, 1973.

PURCELL, N. *The arts of government*. In: BOARDMAN, J.; GRIFFIN, Jasper; MURRAY, Oswyn (ed.). The Oxford History of the Classical World, p. 560-591. Oxford: Oxford University Press, 1986.

RAWSON, E. *The expansion of Rome*. In: BOARDMAN, J.; GRIFFIN, Jasper; MURRAY, Oswyn (ed.). The Oxford History of the Classical Worl, p. 417-437. Oxford: Oxford University Press, 1986.

ROBINSON, Cyril E. *A History of Rome*. New York: Thomas Y. Crowell, 1965.

ROLFE, John. *Q. Horati Flacci Sermones et Epistulae*. Boston: Allyn & Bacon, 1901.

ROSTOVTZEFF, Michael. *A History of the Ancient World*. Vol. II: Rome. Oxford: Clarendon Press, 1927.

SCULLARD, H. *H. From the Gracchi to Nero*. 2. ed. reprinted. London: Methuen & Co. Ltd, 1968.

SMITH, William (ed.). *Dictionary of Greek and Roman Geography*. Boston: Little, Brown and Company, 1854.

SOPRINTENDENZA ARCHEOLOGIA, BELLE ARTI E PAESAGGIO PER LA CITTÀ METROPOLITANA DI BARI. *Palazzo Simi*. Bari: SABAP-BA, [s. d.]. Disponível em: https://sabap-ba.cultura.gov.it/palazzo-simi. Acesso em: 15 out. 2026.

STATIUS, P. *Silvae*. Pisa: Giardini Editori e Stampatori, 1985.

STILLWELL, R. *(org.). The Princeton encyclopedia of classical sites*. Princeton: Princeton University Press, 1976.

STRABO. *Geography*. Trad. H. L. Jones. The Loeb Classical Library, vol. II & III. Cambridge: Harvard University Press, 1960.

SWINBURNE, Henry. *Travels in the two Sicilies, in the years 1777, 1778, 1779, and 1780*. London: P. Elmsly, 1783. v. 1.

TACITUS, C. *Annales*. London: MacMillan & Co., 1882.

TOZER, Henry. *Selections from Strabo*. Oxford: Clarendon Press, 1893.

VIRGIL. *Virgil*. Tradução de H. Rushton Fairclough. New York: G. P. Putnam's Sons, 1926. v. 1–2. (Loeb Classical Library).

VITRUVIUS. *The Ten Books on Architecture*. Trad. Morris

Hicky Morgan. New York: Dover Publications, Inc., 1960.

WALKER, Donald Smith. *A geography of Italy*. New York: E. P. Dutton & Co., 1958.

WHEELER, Mortimer. *Roman Art and Architecture*. New York: Thames and Hudson, 1964.

WHITEHOUSE, R. *D. (Org.). The Facts on File Dictionary of Archaeology*. New York: Facts on File Publications, 1988.

Sobre a autora

Angela Heloiza Benedito-Buxton

Licenciada em Letras Vernáculas/Inglês pela Universidade Católica do Salvador, com mestrado e doutorado (PhD) em História Antiga e Arqueologia Mediterrânea pela Universidade da Califórnia, Berkeley (2002). Durante a pós-graduação, atuou como *Teaching Assistant* (TA) de latim, grego clássico e mitologia greco-romana. No doutorado, junto ao Grupo de Estudos Superiores em História Antiga e Arqueologia do Mediterrâneo, concentrou seus estudos nas áreas de arqueologia, línguas, filosofia, história e literaturas do mundo greco-romano. Desde 2005, atua como docente na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), nos campos de latim, literatura latina e historiografia da língua portuguesa.